

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPEL
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



MEMÓRIAS ESCOLARES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

“O tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos...”

CRISTINA SUTIL

Pelotas, RS, Junho de 2009.

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CRISTINA SUTIL

MEMÓRIAS ESCOLARES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

“O tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos...”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências - Área do Conhecimento: Educação Física.

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino
Figueiredo - Orientador

Universidade Federal de Pelotas

Pelotas, RS, Junho de 2009.

Dados de catalogação na fonte:

(Marlene Cravo Castillo – CRB-10/744)

S966m Sutil, Cristina

Memórias escolares do ensino de Educação Física: o tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos / Cristina Sutil. - Pelotas, 2009.

114 f.: il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Escola Superior de Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. - Pelotas, 2009, Márcio Xavier Bonorino Figueiredo, Orientador.

1. Formação de Professores 2. Memórias 3. Educação Física / Figueiredo, Márcio Xavier Bonorino (orientador) II. Título.

CDD 790.192

CRISTINA SUTIL

MEMÓRIAS ESCOLARES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:

“O tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos...”

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Márcio Xavier Bonorino Figueiredo

Orientador

Escola de Educação Física

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Pelotas

Profa. Dr^a. Valdelaine Rosa Mendes

Escola de Educação Física

Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Gomercindo Ghiggi

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Rogério da Costa Würdig

Faculdade de Educação

Universidade Federal de Pelotas

DEDICATÓRIA

À mãe Célia e ao pai Cláudio -
Sabedores da Vida...
Mestres no amor, na persistência -
Fé em Deus, no trabalho-
E na Humildade.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, amigo fiel de todos os momentos por seu infinito amor, bondade e proteção divina. Agradeço por todas as pessoas maravilhosas que colocastes na minha vida, especialmente:

À minha mãe Célia, sempre companheira e incentivadora de meus projetos. Ao meu pai Cláudio, silencioso torcedor de minhas vitórias... Aos meus irmãos Odilon e Edivaldo, exemplos de coragem e determinação pessoal e Claudio Junior, sempre carinhoso.

Ao meu namorado Lucas, que me trouxe de volta. Obrigada por sempre me incentivar e torcer por mim. É por você que bate meu coração...

Às minhas sobrinhas Liliane, Anjinho da Guarda, de quem senti muita saudade e Letícia, menina de sorriso radiante.

As cunhadas Lilian e Tiarla, que talvez, tenham suprido minha ausência de filha.

À tia Landa, pela dedicação sempre oferecida.

À vó Laura e à Nona - in memoriam, pelas orações e votos de proteção divina.

À Dona Cati, pela generosidade e estímulo intelectual.

À Dona Zaira, Marlene e Zaidinha pelos "mates" compartilhados, pelo colo e ombro amigo nos momentos de angústia e medo e pelas risadas após o choro.

Às ex-professoras e aos ex-alunos/as que "abriram as cortinas" da Educação Física na Escola Agar por contarem suas memórias para esta pesquisa.

Às amigas - Andresa, pelas leituras de minhas escritas e companheirismo profissional e Isabel, que em pouco tempo conquistou minha amizade e admiração.

Às Alunas e aos Alunos da Turma da 8ª série de 2008 que colaboraram com as entrevistas.

Aos Professores da Escola Santa Helena que me ensinaram além do "bê-á-bá."

Aos professores do Magistério do Centro Educacional que me oportunizaram continuar crescendo. Aos professores/as do Curso de Educação Física da Universidade do Planalto Catarinense - Uniplac que me incentivaram a buscar

a formação continuada. Aos professores/as do Curso de Mestrado da ESEF/UFPel companheiros nesta trajetória de novos conhecimentos e saberes.

Aos quatorze Amigos aventureiros da primeira de turma de mestrado da ESEF/UFPel pelo acolhimento, sugestões e parceria acadêmica. Desejo a todos vocês uma brilhante carreira docente.

Ao Orientador Márcio Xavier Bonorino Figueiredo, pessoa simples que reflete a sensibilidade humana. Obrigada por me aceitar no mestrado, entender meu jeito “poético” de ser e acreditar na realização deste trabalho.

À professora Rita Medeiros da Faculdade de Educação - UFPel pela revisão desta escrita.

Aos professores membros da Banca Examinadora – Dr. Gomercindo Ghiggi, Dr^a. Valdelaine Mendes e Dr. Rogério Würdig pelas considerações, pareceres, críticas e sugestões.

Ao professor Paulo Capela da Universidade Federal de Santa Catarina que me recebeu em sua casa para trocar idéias, emprestar livros e dividir experiências.

Ao Dr. Elenor Kunz da Universidade Federal de Santa Catarina que me aceitou como “aluna especial” na disciplina de Fundamentos Humanístico da Educação Física no Curso de Mestrado.

À Escola Agar, meu espaço de trabalho e de pesquisa, de alegrias coletivas e de lutas diárias. Minha gratidão e votos de sucesso profissional.
Ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina na pessoa do Ivan, pela força e apoio.

A Secretaria de Educação e Desporto pela “não liberação” e “não incentivo” aos meus estudos de Pós-Graduação. Isto foi um aprendizado, fez-me perceber que entre o discurso e a prática, infelizmente existe a demagogia. Peço desculpas às pessoas que não encontraram seus nomes aqui. Isto não significa que não estejam guardadas no meu coração...

Cristina Sutil

Nunca se pode saber de antemão de que são capazes as pessoas, é preciso dar tempo ao tempo, o tempo é que manda, o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do baralho, a nós compete-nos inventar os encartes com a vida.

José Saramago - Ensaio sobre a Cegueira

Se a Vida fosse a Escola

*Se a Vida fosse uma Escola deveria ser alegre,
Como um encontro esperado a tempo entre pessoas
Queridas e conhecidas, semelhantes e diferentes.
Se a Vida fosse uma Escola deveria respeitar a diferença,
Pois há quem gosta de flores e há quem prefira
Comidas, filmes, novelas, músicas, outros credos e amores.
Se a Vida fosse uma Escola deveria querer bem ao bebê de colo,
Também ao ancião solitário e analfabeto.
Se a Vida fosse uma Escola deveria possibilitar
Às pessoas experiências infinitas, momentos de exposição
E apreciação de conhecimentos, troca de saberes e sabores.
Se a Vida fosse uma Escola deveria permitir 'espaços' à curiosidade.
Se a Vida fosse uma Escola deveria ter princípios democráticos e de
igualdade social,
Se a Vida fosse uma Escola deveria dispor de 'mais' espaço
À emoção e à brincadeira, à invenção e à descoberta.
Se a Vida fosse uma Escola não haveria hierarquia
Entre o movimento e o trabalho, a dança e a poesia, a ciência, a filosofia e
a arte.
Se a Vida fosse uma Escola respeitaria a natureza,
Com princípios éticos e civilizadores.
Valores e atitudes seriam critérios avaliativos.
Se a Vida fosse uma Escola aceitaria a dúvida, a incerteza, o erro...
Estudaria a luz elétrica e o chá caseiro...
Discutiria política e marginalizaria a demagogia.
Se a Vida fosse uma Escola possibilitaria o sentimento de artista.
Se a Vida fosse uma Escola não negaria a tradição, mas discutiria novos
conceitos.
Se a Vida fosse uma Escola não se inquietaria com a corrupção,
Denunciaria toda e qualquer tentativa de alienação.
Se a Vida fosse uma Escola gostaria de ser para sempre aprendiz,
Imortal como as atitudes, recordada como esta escrita...
E se a escola fosse a Vida?
Mas, como se diz o ditado: não é vivendo que se aprende?*

Cristina Sutil (2009).

RESUMO

SUTIL, Cristina. **MEMÓRIAS ESCOLARES DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA:** *“O tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos...”*, 2009. 114p. *Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas.*

As memórias escolares de professor@s e alun@s constituíram a temática desta pesquisa como objetivo de responder a questão: *Como as aulas de Educação Física estão presentes nas memórias de professor@s e alun@s da Escola Agar?* O espaço da pesquisa foi a Escola Estadual Agar no município de Otacílio Costa – SC. Numa abordagem qualitativa, a pesquisa debruçou-se sobre as memórias, reveladas nas entrevistas-conversas, circunstanciadas pelos documentos escolares e pelo acervo pessoal d@s entrevistad@s, permitindo-nos conhecer as Memórias da Educação Física na Escola Agar, no período que compreendeu as décadas de 1970 a 1990. Nesta perspectiva foi possível estabelecer relações contextuais com as origens e as tendências pedagógicas, que marcaram a história da Educação Física brasileira e suas repercussões nas práticas pedagógicas escolares.

Palavras-chave: Memórias, Educação Física, Formação de Professores

SUMMARY

SUTIL, Cristina. PERTAINING TO SCHOOL MEMORIES OF THE EDUCATION OF PHYSICAL EDUCATION: "The time made with that people learned to see the things with other eyes...", 2009. 114p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação. Universidade Federal de Pelotas.

The memories of school teachers and students if s were the subject of this research aimed to answer the question: How school of Physical Education is in memory of teachers and students if s School Agar? The area of research was the State School in the city of Agar Otacílio Costa - SC. A qualitative approach, the research focused on the memories, disclosed in interviews, conversations, documents detailed by school staff and the acquits, allowing us interviews to know the memories of Physical Education in School Agar, during which understood the decades from 1970 to 1990. This view was possible to establish relations with the contextual background and educational trends that marked the history of Physical Education and its impact on Brazilian teaching school.

Keywords: Memories, Formation of Professors, Physical Education.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Década de 1970 o Desfile Cívico.	20
FIGURA 2	À sombra do pinheiro Educação Física piquenique Turma de alunos da 8ª série	36
FIGURA 3-6	Escola Agar em 1973	37-50
FIGURA 4	Equipe da Escola	42
FIGURA 5	Apresentação da Peça: O Circo.	47
FIGURA 7	Escola da Encruzilhada década de 40 hoje Escola Agar	52
FIGURA 8-9	Piquenique Educação Física - década de 70, professora acompanhada dos alunos e alunas nas proximidades da Escola.	57-58
FIGURA 10	Entrevistas-conversas – professoras, alun@s e outros tempos	67
FIGURA 11	Década de 1970, Desfile Cívico. A direita baliza.	73
FIGURA 12	Alunos da Escola 2008 professora Humor e Orientadora	74
FIGURA 13	Convite formatura Curso Normal de Educação Física em 1974, professora Móbile	76
FIGURA 14	Time de futebol da Escola Agar em 1973 no Desfile Cívico.	79
FIGURA 15	Escola Agar hoje e de outros tempos	81
FIGURA 16	Entrevista-conversas palco de escutas	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PARTE I: PESQUISA: ORIGEM, CONSTRUÇÃO E PROCESSO INVESTIGATIVO	20
PARTE II – MEMÓRIAS DOS TEMPOS E ESPAÇOS	37
2.1 - As minhas memórias nas memórias da Escola.....	38
2.1.1 - Brincadeiras, família e Infância	40
2.1.2 - O Esporte, a Educação Física.....	41
2.1.3 - Poesia: escrituras nos tempos.....	44
2.1.4 - Ser Professora... Uma experiência brincante.....	45
2.2 - Cenários da Escola Agar.....	50
2.2.1 - Contextos, Espaços, Projetos, Filosofia da Escola.....	52
2.2.2 - O Ginásio de Esportes.....	54
PARTE III – EDUCAÇÃO FÍSICA E MEMÓRIAS	56
3.1 - Educação Física: Tempos na história, sentidos das memórias...	57
3.2 - Memórias: tempos de recordar, compreender.....	60
PARTE IV - TRAMAS DAS MEMÓRIAS DAS PROFESSOR@S	67
4.1 - As suas vozes.....	78
4.1.1 - Narrativas de Sorriso.....	68
4.1.1.1 - Educação Física: ginástica, dores, brincadeiras.....	69
4.1.1.2 - <i>Como se tornou</i> professora.....	70
4.1.1.3 - Outros tempos.....	71
4.1.2 – Com a palavra Humor.....	72
4.1.2.1 - Educação Física: A Técnica e o Civismo.....	72

4.1.2.2 - Bolas, campos, quadras, redes, corpos... Pistas.....	74
4.1.3 - No palco Tear.....	75
4.1.4 - Móbile: O Recreio e poesia.....	78
4.1.4.1 - Um ritual: A formatura.....	79
PARTE V - TRAMA DAS MEMÓRIAS D@S ALUN@S.....	81
5.1 - Aventura: A primeira turma da escola.....	82
5.1.1 - Muitas lembranças.....	83
5.1.2 - Escolhas da profissão.....	84
5.2 - No palco Real.....	85
5.2.1 - Marcas da Educação Física.....	86
5.3. - Em cena Jasmim.....	87
5.3.1 - Lembranças da Educação Física.....	88
5.3.2 - Primário e Ginásio.....	89
5.3.3 - Tempos: Épocas diferentes.....	89
5.4 - Narrativas de Circo.....	90
5.4.1 - Duas marcas: Professor, competição.....	91
5.4.2 - Educação Física: Primário e Ginásio.....	93
5.4.3 - Testes: Resistências.....	93
5.4.4 - Escola Agar.....	93
CONCLUSÃO - CAPTURANDO AS APRENDIZAGENS NOS CAMINHOS DAS MEMÓRIAS.....	96
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	111

INTRODUÇÃO

“Que as lembranças da escola sejam as mais agradáveis possíveis e repletas de marcas significativas”.

Esta escrita tem a intenção de acolher e convidar à leitura, professoras e professores, que apesar dos problemas, buscam realizar nas escolas um ensino de qualidade, porque esperançosos acreditam na mudança social através da educação. Que as lembranças da escola sejam as mais agradáveis possíveis e repletas de marcas significativas.

No ensejo de trabalhar numa escuta sensível, por dentro de uma experiência acadêmica, optei por duas pessoas verbais predominantes o **eu** e o **nós**: ora está mais presente a vivência coletiva (leituras, bibliografias, diálogos com outros; ora a ação é individual – fruto da história pessoal (percursos, pensamentos, trajetórias, escolhas).

Desejo que a pesquisa possibilite aos leitores, reflexões individuais ou discussões coletivas de vivências e de práticas pedagógicas. Neste sentido, Apple (1999, p. 241) diz que: “uma leitura não pode ser uma prisão, deve nos permitir pensar (...) encontrar espaço para (...), a resistência, a luta (pessoal e social) olhar (...) as possibilidades da ação humana”.

As memórias escolares de professoras e alunos constituíram a matéria prima da pesquisa, buscando responder a questão: *Como as aulas de Educação Física estão presentes nas memórias de professoras e alunos da Escola Agar?*

A escolha por este espaço foi intencional, trata-se da escola onde sou professora de crianças e adolescentes. Neste caso, ao trazer à tona as experiências acontecidas no passado, é possível renovar-se, problematizar as situações presentes. No entanto, nos alerta Kenski (2005, p. 144) que “sob o

efeito da emoção, o sujeito pode “esquecer” um determinado acontecimento marcante de sua vida”.

A opção metodológica na pesquisa foi pela abordagem qualitativa por entender assim como Negrine *In* Molina Neto (2004, p. 61) que:

A base analógica desse tipo de investigação se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada. Isso significa que na pesquisas de corte qualitativo não há a preocupação em generalizar os achados.

Diversas áreas estudam a memória, dentre elas a Filosofia, a Psicologia, a História e a Educação, isto nos faz entender que não existe um consenso conceitual para as memórias, são diferentes também as suas utilidades e funções. Foi preciso, então, delimitar o campo conceitual pelo qual optamos.

Na primeira parte está a origem, a construção, os motivos e o processo de investigação; a segunda parte aborda as memórias dos tempos e espaços. Já a terceira enfatiza a Educação Física e as Memórias; na quarta parte realizamos a trama das Memórias das ex-professoras, na quinta parte discutimos as memórias d@s ex-alun@s e por último procuramos capturar os achados, as aprendizagens pelos, nos e com os caminhos das memórias, configurando uma conclusão.

Durante minha trajetória docente fui ouvindo comentários estimuladores e desagradáveis. Seguem alguns exemplos: “O quê? Na Educação Física, alguém pensa?” “O que você entende sobre este assunto, se você é lá da quadra?” “O que uma professora de Educação Física que gosta de escrever, de ler e com a letra bonita”, “Você vai fazer mestrado de Educação Física, e existe?”.

Sentia-me provocada com tais indagações, no entanto, considero que foram de extrema relevância, no sentido de entender as representações da Educação Física neste espaço.

Das infinitas coisas que penso o que realmente posso dizer? Quem terá maturidade para entender meus pensamentos? Que expectativas serão suscitadas em meus companheiros de trabalho ao ouvir meu pronunciamento? Serei respeitada ou ignorada ao apresentar minhas idéias, perspectivas e

propósitos? Minha escrita será considerada científica ou apenas divagação literária por revisores ou convidados de banca?

Dos projetos de vida que tenho após a conclusão desta etapa acadêmica o que conseguirei realizar? Quem entenderá e acompanhará meus desejos, minhas vontades e meus ideais? Um compromisso ainda maior, o que posso fazer de melhor pelo mundo? Quais serão as minhas contribuições para com a humanidade?

Constantemente ouvimos as pessoas dizerem que estão fazendo a sua parte, porém Freire (2007a, 2007b) nos chama à atenção ao compromisso coletivo do profissional para o bem da humanidade. Ressalta que a educação tem que assumir um papel transformador e que o pensar pedagógico relacionado ao desejo de mudança está intimamente imbricado ao compromisso imprescindível do profissional com a sociedade.

Freire (2007a, p.16) afirma que:

A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de refletir. (...) Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso.

Alguns estão em seus cargos e funções por serem deste ou daquele partido. Isto é lamentável e simultaneamente fortalecedor do discurso da desesperança entre as pessoas menos abastadas socialmente. No entanto, é necessário ter a convicção que as coisas *estão sendo* e não serão assim para todo o sempre, assim como os cargos e funções que são momentâneos e transitórios.

Noutra obra, Freire (2007b) continua dizendo que não é possível exercer o magistério como se nada ocorresse. O professor precisa demonstrar estar comprometido com a educação, com a comunidade, com a escola e assim, “revelar aos alunos a (...) capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. (...) capacidade de fazer justiça, de não falhar à verdade. Ético, por isso mesmo, tem que ser o meu testemunho.” (Idem, 2007b, p. 98).

Seja qual for o nível de ensino - básico, médio, superior ou modalidade de educação - educação de jovens e adultos, indígena ou especial, seja qual for a área - humanas, biológicas, sociais ou a disciplina que se trabalha, a faixa etária ou o nível socioeconômico dos estudantes é preciso acreditar que a educação é o caminho promissor à cidadania, o esclarecimento e a justiça.

Não podemos pensar ingenuamente que somente através da educação encontraremos a salvação para todos os males e problemas sociais, ou ainda que a educação transforme a sociedade num passe de mágica, mas sem ela a sociedade não se transforma.

Atualmente, existem discursos de que “não vale a pena ser justo”, “que a honestidade caiu de moda”, “que a corrupção é o caminho para o sucesso”. Com o intuito de que as pessoas menos abastadas se sintam moralmente desprestigiadas, impotentes e inúteis ao mercado de trabalho e conformadas de que as coisas não vão mudar mesmo, porque são “apenas mais um ou uma na multidão” porque pensam ser “apenas uma gota no oceano”.

Estas e outras idéias têm o intuito de calar a nossa voz e retirar pouco a pouco o direito que nos cabe de manifestar nossa indignação e repulsa diante da falta de escrúpulos de sistemas e governos alienantes, incompetentes e insensíveis às necessidades básicas da humanidade.

Mas afinal o que precisa ser transformado? Por que precisamos mudar? Quando o professor tem a convicção de que “a mudança é possível” (Freire, 2007b, p. 76) é preciso ter clareza de como se proceder, pois a técnica é inegável e fundamental. A técnica faz com que se obtenham resultados e desempenhos importantes, aqui se relaciona o sentido metodológico apontado por Freire (2007b, p. 26) ao dizer que: “ensinar exige rigorosidade metódica”.

Freire (2007b, p. 78-9) nos incentiva a persistir em nossos ideais, assim diariamente vamos construindo posturas reflexivas, ética pessoal e coletiva, compromisso e interesse em transformar-se e transformar as pessoas para serem melhores.

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos.

Esta melhora, não é no sentido do sobrepujamento as pessoas, mas sim da oportunidade de se sentirem importantes no mundo. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (Idem, p. 39).

A escola como um todo necessita agir, trabalhar, criar projetos para a transformação das situações corruptas, injustas, erradas ou desagradáveis, de modo que em muitas ocasiões é preciso desacomodar as estruturas, incomodar-se e incomodar as pessoas apontando e alertando para a mudança.

Diante de qualquer situação a utopia é essencial, sem ela não há sonho, não há perspectiva de melhora e encantamento, não há transformação. Se não acreditarmos em nossa capacidade humana, poderíamos ser devorados pelas infelicidades mundanas.

Em Paro (2000, p. 9) “a palavra utopia significa o lugar que não existe. Não quer dizer que não possa vir a existir.” O autor ainda leva a perguntar o que seria de nós se não fantasiássemos um pouco ou muito nossa vida, diante de inúmeras e talvez infinitas atrocidades e injustiças sociais.

A utopia é o que acima de tudo nos faz continuar a caminhada na educação. Pois o conhecimento, a autonomia poderá tornar as pessoas mais humanizadas, críticas e conscientes, ser cidadania.

No próximo momento abordaremos a origem desta pesquisa, como ocorreu a construção e o processo da investigação.



**PARTE I:
PESQUISA:
ORIGEM, CONSTRUÇÃO E PROCESSO
INVESTIGATIVO.**

PARTE I - PESQUISA:

ORIGEM, CONSTRUÇÃO E PROCESSO INVESTIGATIVO.

Ingressei como professora de Educação Física mediante concurso público estadual em 2002. Ao chegar a esta comunidade fui tomada por momentos de ansiedade e curiosidade que oscilavam entre, expectativas e esperanças. Encarar “o novo” em qualquer circunstância é desafiante.

As experiências vivenciadas em outras escolas nos faziam entender que poderia encontrar situações semelhantes e singularidades referentes ao contexto. Introspectiva, fazia-me perguntas: “Como seria a escola, meu primeiro dia de trabalho, meus colegas e alunos? Como seria tratada a Educação Física no espaço escolar? Minha formação estaria adequada às possíveis necessidades e dificuldades encontradas?”

Encontramos em Freire (2007b, p. 86) respaldo para apresentar estas perguntas, pois diz ser fundamental que professor e alunos sejam curiosos e se assumam “*epistemologicamente curiosos*”.

As primeiras reuniões pedagógicas e os primeiros contatos realizados com as turmas despertaram minha atenção. Fomos tomados pela curiosidade em saber o que a Educação Física representava na escola.

Não tínhamos a noção que a escola poderia tornar-se futuramente meu espaço de pesquisa. Então foi se arquitetando uma idéia a partir de acontecimentos inusitados e conflituosos, de inquietudes profissionais, enfim de situações provocantes e provocadoras na Educação Física.

Levou algum tempo para compreender que existia naquele espaço o estado de acomodação diante da rotina instituída nas aulas e que isso fazia parte da construção histórica da Educação Física na escola. Tive a iniciativa de registrar comentários de situações que me chamavam a atenção.

Lembro-me que na primeira reunião a qual participei na escola, fiquei surpresa ao ouvir os seguintes comentários das professoras das séries iniciais

do Ensino Fundamental que discutiam a escolha do horário da Educação Física nas suas turmas:

Professora 1 - “Ano passado foi você que ficou com as primeiras, este ano é minha vez.”

Professora 2 - “Ah, eu prefiro que sejam as últimas”.

Professora 3 - “Professora de Educação Física, seja querida com a gente. Ah, ela tem cara que vai colaborar.”

A Educação Física parecia ser bem vinda, no sentido, de beneficiar os horários das professoras.

Duas solicitações feitas pela direção da escola instigaram-me sobre as funções da Educação Física: descobrir bons alunos no esporte visando formar *equipes* ou *times* para os jogos escolares municipais que aconteciam anualmente; cuidar da disciplina e buscar os alunos na sala e devolvê-los em fila.

Quando comecei a ouvir a pergunta: “Tem Física hoje, dona?” Tentei entender os motivos para este tratamento pessoal “dona”.

Procurei conhecer e ouvir as preferências dos alunos e recorrer às sugestões dos estudantes. Em outros momentos houve a necessidade de *ceder* às proposições feitas, neste caso percebi que não variava muito, o principal desejo era o de jogar bola.

De forma impositiva alguns estudantes se manifestavam dizendo: “Cadê a bola dona? Vamos jogar futebol!”

Percebi que a Educação Física era esperada com maior motivação pela maioria dos meninos que insistiam em *jogar bola*. O espaço da quadra era destinado aos meninos para o futebol e o pátio coberto ou gramado às meninas que não se mostravam muito interessadas em se movimentar. Gostavam de assistir aos jogos dos meninos.

Algumas meninas timidamente se aproximavam com os seguintes pedidos:

Menina 1: “Dona, dá a corda pra gente pular e a bola de vôlei pra gente jogar em roda”.

Menina 2: “Dona, dá o rádio pra gente escutar música”.

A maioria das crianças das séries iniciais demonstrava gostar da Educação Física, representavam isso através da euforia na vontade de brincar fora da sala e correr livremente pela escola.

Porém, os discursos, as falas nas reuniões pedagógicas e na sala dos professores durante o recreio tornavam evidente que a Educação Física era momento de distração. Além disso, parecia que aquele momento indicava o *descanso* das pedagogas que estariam com a empregada.

Era comum, no período vespertino, antes do horário das aulas, que meninos ao chegarem à escola retirassem de qualquer jeito a rede de vôlei - colocada no período matutino para jogar bola. Às vezes até cortavam a linha de nylon que a sustentava.

Deparamos com estas dificuldades acompanhadas das resistências principalmente, por parte dos meninos que insistiam em não querer fazer outras atividades diferentes do futebol nas aulas de Educação Física.

Neste caso, não me conformava em simplesmente entregar a bola aos alunos. Por vezes, pensei em desistir da escola, onde naquela circunstância nada ou muito pouco do que se propunha era aceito pelos alunos com *bons olhos*, tudo representava dificuldade e chatice, possível de se perceber nestas frases ditas por alguns deles:

Menino 3: “Ah, isso é muito difícil”.

Menino 4: “Isso é muito chato, é coisa de criança, dona”.

Continuamos tomando nota dos acontecimentos e das situações curiosas, preocupantes, das satisfações e frustrações, das atitudes de afeto e carinho de algumas crianças, da ira e rebeldia de alguns adolescentes.

Em outros momentos buscamos alternativas metodológicas, estratégias didáticas e atitudes que iam da tentativa de ignorância de comportamentos arrogantes e indisciplinados, principalmente não querer participar ou mudar de atividade, assim pensava e procedia: “vou deixar isso pra lá ao enfrentamento pessoal - é momento de mostrar minha autoridade agora ou nunca”; “o riso por perceber a satisfação dos alunos, ao choro disfarçado acumulado durante a semana dentro do ônibus e soluçado debruço no chão quando retornava para minha casa”.

Todavia, consideramos que tais situações e experiências foram importantes ao nosso desenvolvimento pessoal e aprendizado profissional.

Continuamos adotando e recorrendo a estratégias didático-pedagógicas com a principal finalidade de conquistar e melhorar a auto-estima dos estudantes e também me motivar profissionalmente.

Fizemos registros fotográficos e de áudio e vídeo - com a autorização dos estudantes das atividades nas aulas de Educação Física. Inclusive ao utilizarmos estes recursos demonstraram interesse, queriam conhecer e manusear a máquina.

Permitíamos que os alunos fizessem fotografias e filmagens de situações as quais considerassem interessantes e depois comentassem sobre.

Ao revelar as fotos às levávamos para que os alunos pudessem vê-las, a satisfação era instantânea, a auto-estima estava ficando melhorada e nosso relacionamento começara a se estreitar.

Em minha casa, observávamos os registros escritos, as fotos e os filmes realizados por mim e pelos alunos. Isto me fazia repensar nos sentidos e nos significados que estavam permeando a Educação Física.

Com o passar do primeiro ano de trabalho em 2002 que foi de adaptações conflituosas na escola, já havíamos conquistado um espaço relevante, em se tratando da atenção, respeito e interesse pelas aulas por parte dos alunos.

Entre os colegas de profissão já havíamos feito amizades com professoras que comungavam idéias, opiniões e conceitos semelhantes sobre a educação. Tinha o respaldo e o apoio da orientação e direção da escola para desenvolver atividades, exposições e apresentações de trabalhos.

No início do segundo ano de trabalho na escola em 2003 aconteceu a troca de direção em conseqüência da mudança de governo¹.

¹ A direção da escola é a mesma desde 2003, em função da reeleição do governador em 2006. O SINTE – Sindicatos dos Trabalhadores em Educação – noticiou que foi aprovado na Comissão de Educação do Senado em 04/07/2008 o Projeto de Lei 344/07 que estabelece a eleição direta para diretores de escola. A lei acrescenta o inciso III no artigo 14 da LDB – Lei de Diretrizes e Bases para a Educação, “escolha, para mandato de, pelo menos, dois anos, dos ocupantes do cargo ou função de diretor de escolas de ensino fundamental, médio e técnico das redes públicas federal, estadual ou municipal, mediante eleição direta, com a participação da comunidade escolar constituída por professores, funcionários, pais e alunos”. No entanto, infelizmente, continua existindo na rede estadual de ensino em Santa Catarina a indicação político-partidária para a direção.

O calendário escolar previa eventos, como por exemplo, Homenagem às Mães, Gincana Estudantil e a Mostra de Conhecimentos. Esse último se estendia aproximadamente há 10 anos, com temas variados, geralmente no mês de novembro, mês de aniversário da escola.

Sobre esse evento, as palavras da orientação da escola estavam na necessidade dos professores guardarem consigo durante o ano, atividades ou trabalhos que considerassem interessantes para a exposição. E para as professoras de Arte e Educação Física como de costume ficariam com a decoração e as dançinhas para serem apresentadas no salão coberto.

Aí se encontravam mais alguns estereótipos e estigmas, onde cada disciplina teria funções pré-estabelecidas em organizar e apresentar trabalhos escolares.

Ficava explícito nos Conselhos de Classe que as duas disciplinas mais importantes e que os alunos deveriam ter as melhores notas era na de Língua Portuguesa e Matemática. Aliás, parecia que as demais disciplinas não existiam no currículo da escola, pois nem se perguntava a situação nas demais.

Outros acontecimentos e comentários durante estas reuniões deixavam transparecer que a escola tinha problemas de indisciplina; agressividade e violência; desinteresse e falta de concentração; dificuldade de aprendizagem, evasão, reprovação, falta de participação efetiva e apoio da família.

Existia no espaço escolar a seguinte cultura na Educação Física para os adolescentes representava o momento de trabalhar o “corpo” visando os “melhores” para representar a escola em torneios, campeonatos ou qualquer evento desta natureza. Para as crianças, momento de recreação e de trabalho de aspectos psicomotores através de “joguinhos” que pudessem ajudar na sala de aula.

Observamos que a escola não havia criado e nem conquistado espaços e ocasiões interativas e alternativas, além das reuniões para entrega de boletins, algumas datas comemorativas e convocações por problemas disciplinares. As causas para esta falta de participação da família na escola ficou evidente nos registros no Diário de Campo feitos durante os Conselhos de Classe:

Olhem as famílias de nossos alunos, não existem mais valores, tem muitas brigas e separações, em casa eles não têm estímulo intelectual, são maltratados. A comunidade é carente. Os pais não têm trabalho digno, a renda é baixa, o município não oferece condições de assistência, não tem atividades culturais, não tem lazer, não tem cursos profissionalizantes.

Ficávamos imaginando, que não seria possível ter a presença de todos os pais e mães, mas que era preciso criar oportunidades para que se sentissem inseridos, valorizados e pertencentes àquela comunidade. Para nós, a escola deve ser atrativa e acolher de forma coletiva as pessoas para que se disseminem diferentes conhecimentos e saberes construídos através dos tempos.

Em 2004 desenvolvemos o projeto Meus Brinquedos e Brincadeiras Preferidas. Algumas das atividades planejadas não obtiveram sucesso, a falta ou a precariedade de materiais recreativos e esportivos interferiram na qualidade das aulas, então o improviso se tornou um recurso. Entretanto, nem sempre se é possível recorrer a este artifício. O planejamento das aulas é sem dúvida imprescindível.

A falta de materiais didáticos² não pode ser o principal argumento para o não desempenho do trabalho e o não aprendizado dos alunos, mas poderá ter influência sobre o processo ensino-aprendizagem.

O projeto tinha como objetivos resgatar as preferências dos/as alunos/as quanto aos seus brinquedos e brincadeiras; possibilitar outros sentidos e significados à Educação Física; integrar pais/mães na escola e conhecer as brincadeiras e os jogos que fizeram parte de suas infâncias. Procurei valorizar a cultura local e buscar parceiros e aliados para a melhoria da qualidade das aulas que apresentavam muitas resistências no que se referia às proposições feitas enquanto professora e a única vontade que era a de jogar bola pela maior parte dos alunos e alunas.

Envolvemos no projeto duas turmas de 4^a série do Ensino Fundamental.³ Apliquei um questionário perguntando-lhes sobre suas preferências, no

²Ver em A Educação Física na hierarquia dos saberes escolares de uma escola profissionalizante em GARILLO, J. e MARIN, E. C. Et alli.

³ Em 2008 os alunos que eram das turmas de 4^a série – agora em 2004 estavam na 8^a série.

tocante, às brincadeiras e os brinquedos; se quando brincavam estavam acompanhadas; onde e com quem aprenderam as brincadeiras, etc.

Para integrar os pais/mães, os/as alunos/as levaram para suas casas outro questionário para ser respondido por responsáveis; além de responderem as perguntas tinham que desenhar as brincadeiras e os brinquedos de infância.

Em outro momento os responsáveis pelas crianças foram convidados a participar das aulas contando como era seu tempo de infância, de escola e como era a Educação Física na escola. No final do ano, na ocasião da Mostra de Conhecimentos houve a devolução e apresentação das discussões e dos resultados do projeto para a comunidade escolar.

Então unindo minhas curiosidades pedagógicas de professora-pesquisadora iniciante na comunidade escolar, mais os resultados obtidos no projeto, fiquei me perguntando: Se tivesse contato com ex-professores e ex-alunos da escola que memórias ou marcas da Educação Física seriam possíveis de ser encontradas?

Na construção da dissertação trilhei caminhos metodológicos, com isso não quero dizer que segui rigorosamente roteiros preestabelecidos e sistematizados e percorridos por outrem, explicitados em artigos, referenciado em obras, apresentados em ensaios ou resenhas.

Reservei-me o direito de ser inteira, mesmo sabendo que não sou completa, insubstituível, tão menos perfeita e que me constituo inconclusivamente de inúmeras identidades - pessoa, mulher, professora, poetisa, aprendiz da pesquisa.

Preferimos correr riscos, enfrentar as incertezas e as críticas em busca de contribuições sociais, culturais e pedagógicas na escola onde atuamos como professora de Educação Física. O fragmento da música retrata duas atitudes as quais consideramos indispensáveis à pesquisa: a persistência e o tempo. “Você não sabe o quanto caminhei. Pra chegar até aqui. Percorri milhas e milhas antes de dormir. Eu nem cochilei. A vida ensina e o tempo traz o tom pra nascer uma canção com a fé no dia-a-dia encontro a solução”⁴.

No universo acadêmico o conhecimento se movimenta constantemente, temos a possibilidade de conhecer, inovar, adaptar, construir e romper com

⁴ Disponível em <<http://vagalume.uol.com.br/cidade-negra/estrada.html>>.

verdades que temos como absolutas. Santos (2000, p. 56) afirma que: “estamos em meio a uma mudança paradigmática, quando questões epistemológicas e metodológicas adquirem uma importância especial”.

Para Neto (1994 p.12-3):

O labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas. E ao fazer tal percurso, os investigadores aceitam os critérios da historicidade, da colaboração e, sobretudo, imbuem-se da humildade de quem sabe que qualquer conhecimento é aproximado, é construído.

Para esta autora a questão provisória, o dinamismo e a especificidade são características fundamentais de qualquer questão social. Isto aponta que se existe uma idéia de *devir* no conceito de cientificidade, não se pode trabalhar nas ciências sociais, com a norma da cientificidade já construída. Ao progredir, a pesquisa social elabora critérios de orientação mais precisos.

De forma geral os pesquisadores conhecem e referendam múltiplas possibilidades de se fazer pesquisa. Algumas tiveram início a partir de experiências empíricas, ou seja, baseadas em situações vivenciadas cotidianamente, obtidas através da observação, tendo como referência a realidade prática.

Meksenas (2007)⁵ aborda o significado da pesquisa como:

O meio de fazer pesquisa por meio de um objeto localizado dentro de um recorte do espaço social. Por exemplo, a pesquisa empírica lida com uma escola e não com o sistema escolar (...). Assim, além de implicar num recorte da totalidade social, a pesquisa empírica está centrada na escolha de aspectos das relações entre sujeitos. A pesquisa empírica lida com processos de interação e face a face, isto é, o pesquisador não pode elaborar a pesquisa em “laboratório” ou em uma biblioteca – isolado e apenas com livros à sua volta. Nesta modalidade da elaboração do conhecimento, o pesquisador precisa “ir ao campo”, isto é, o pesquisador precisa inserir-se no espaço social coberto pela pesquisa; necessita estar com

⁵ Aspectos metodológicos da pesquisa empírica.

peças e presenciar as relações sociais que os sujeitos-pesquisados vivem. É uma modalidade de pesquisa que se faz *em presença*.

Contudo, existe a capacidade do desdobramento de tais experiências empíricas, através da sistematização do conhecimento, baseada na rigorosidade científica, obtidas através do método.

Ainda Meksenas expressa que ao falarmos em método nos referirmos ao conjunto de procedimentos que nos ensinam a pensar ou a interpretar a realidade social de determinado modo e não de outro. Assim torna-se possível perceber relações entre o método e a metodologia.

Em Neto (1994, p.16) a metodologia de pesquisa é entendida como: “O caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. (...) a metodologia inclui as concepções teóricas que possibilitam a construção da realidade (...) do potencial criativo do investigador. Continua a autora dizendo que: “Nada substitui, no entanto, a criatividade do pesquisador”.

No processo de escrita preocupava-me com a utilização de referenciais teóricos adequados, sem perder de vista a autoria da pesquisa. Outro autor que me ajudou nesse processo de autoria criativa foi Marques (2001) que na sinopse do seu livro expressa que:

Escrever é o princípio da pesquisa, tanto no sentido de por onde deve ela iniciar sem perda de tempo, quanto no sentido de que é o escrever que a desenvolve, conduz, disciplina e faz fecunda. Pesquisar é um escrever centrado em determinado tema sob a forma de hipótese capaz de guiá-lo de modo explícito e sistemático desde a convocação de comunidade de argumentação em que se desenvolva a interlocução de saberes no trabalho da citação e em processo de sistematização, validação discursiva e certificação social.

Uma particularidade interessante que o mesmo autor anuncia é que: “(...) quando temos na cabeça um assunto em toda parte topamos com referências a ele. É isso mesmo escrever é uma obsessão, uma paixão”.

Se a gente fizer comentários sobre a nossa intenção de pesquisa, tão logo as pessoas contribuirão emprestando ou sugerindo a leitura de livros, revistas, artigos e nos contando experiências de vida que poderão interessantes neste processo.

Diante das colocações que apresentam algumas concepções e princípios de pesquisa questionava-me como seria possível posicionar-me diante dos métodos utilizados, refutados ou não pelos educadores, especialistas, cientistas da Educação e doutores renomados internacionalmente por suas publicações?

Tal questionamento propõe que as nossas escolhas e decisões ao se embrenhar na pesquisa não sejam neutras ou imparciais, mas constituídas de intencionalidade ética e compromisso social.

É preciso reconhecer e recorrer aos avanços tecnológicos, analisar sem pressa, mas com urgência, as relações estabelecidas e instituídas, quando se qualifica um projeto, se defendem teses ou se publicam resultados.

Assim também se apresentam os caminhos metodológicos com diferentes necessidades. Existiram momentos de avanços e retrocessos; esperas e paradas; aproximações e distanciamentos do objeto de estudo; busca de atalhos e orientação acadêmica; escuta sensível, admiração e desilusão. Pois, a estrada é infundável e as miragens parecem ser perfeitas no quando nos colocamos a caminho.

No processo investigatório quando iniciei o projeto de dissertação em 2007 pensava que realizaria a pesquisa com toda a comunidade escolar. Gostaria de envolver a maioria de alunos e professores; pais/mães, a equipe administrativa da escola e funcionários de serviços gerais.

Entretanto, este pensamento exagerado de querer pesquisar *tudo e todos* foi um dos entraves, pois seria impossível dentro do aspecto qualitativo pesquisar este universo de sujeitos. Na minha convicção inicial, somente assim, meu trabalho teria validade científica e seria admirado pelas pessoas que acompanharam meu esforço acadêmico, em se tratando, do pioneirismo da pesquisa de mestrado e na área da Educação Física na escola onde sou professora.

Outro ponto a ser encarado durante a pesquisa é a questão da necessidade interdisciplinar. Mesmo sabendo que a interdisciplinaridade exige a interação entre as diferentes áreas de conhecimento e que nos convoca comprometidamente a transformar o entorno social das pessoas. Há algum tempo que circula no espaço acadêmico e profissional, na comunidade de pesquisadores em educação, como em outras áreas como a psicologia e a

sociologia, a discussão sobre a necessidade da superação do conhecimento fragmentado através do diálogo interdisciplinar e da integração de saberes à construção do conhecimento.

Ao relacionar o pensamento de Fazenda (1995, p.11-2) com os entraves iniciais quando se deseja pesquisar encontrei que:

Quando o pesquisador defronta-se com o dilema da pesquisa, é prisioneiro do desejo de ir além, de criar, de inovar, de caminhar em direção ao que ainda não é. Porém, como ainda não sabe quem é, fica impedido de transgredir seus próprios limites. Entretanto, à medida que vai se apropriando do si mesmo, sua pesquisa experimenta o gosto pela autêntica descoberta da subjetividade. Como num espelho, vê sua imagem (aquela que nunca a ele fora revelada), exposta como se não fora sua. Examina-a em cada detalhe; um ajuste aqui, outro acolá, aproxima-a da imagem de seus desejos. É todo um processo de construir-se e, nesse construir-se, aos poucos, revelar-se.

A autora acima sintetiza neste pensamento vários momentos vivenciados pelos pesquisadores. É verdade que, às vezes, achamos que não conseguiremos dar conta, que os prazos e as datas podem se tornar pesadelos; que as dificuldades de leitura e escrita não serão superadas; que nos falta tempo para fazer tudo o que foi proposto, etc.

É necessário pensar e agir interdisciplinarmente e isto demanda trabalho coletivo e processual. Envolve desprendimento das partes e agregação do todo com a finalidade de compreender a realidade e a totalidade dos conhecimentos.

Mesmo sabendo que existem divergências e pontos de convergência e que não se podem negar as especialidades e especificidades e objetivos das diferentes ciências do conhecimento.

Por vezes, temos a ilusão de que escrever será fácil; que as idéias surgirão a qualquer instante, bastando apenas sentar-se em frente do *laptop* ou ainda que seja impossível errar neste processo.

Neto (1994, p. 54-6) chama a atenção apresentando os obstáculos que podem dificultar ou até mesmo inviabilizar a pesquisa. Entretanto, aponta soluções para a superação das dificuldades e dos possíveis entraves. Inicia a discussão referindo-se a questão da aproximação com os sujeitos da pesquisa:

A aproximação pode ser facilitada através do conhecimento de moradores ou daqueles que mantêm sólidos laços de intercâmbio com os sujeitos a serem estudados. É fundamental consolidarmos uma relação de respeito afetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade de pesquisada.

O pesquisador precisa criar diálogos cooperativos e colaborativos e não avaliativos ou obrigar as pessoas a participar. Em outras palavras, as pessoas devem ser esclarecidas sobre aquilo que se pretende investigar e as possíveis repercussões advindas do processo investigatório.

Outro aspecto elencado por Neto (1994) diz respeito à *postura do pesquisador*. Se o pesquisador entra no espaço de pesquisa considerando que já sabe tudo ou que vai apenas confirmar o que já deduziu anteriormente, perderá a possibilidade de compreender o campo como possibilidade de novas revelações.

Dessa maneira poderá aparentar um posicionamento de superioridade e de inferioridade frente ao saber que busca entender, podendo gerar constrangimentos e implicar em falsos depoimentos.

O pesquisador precisa dar oportunidade, em outras palavras, dar “vez e voz” aos envolvidos e não torná-los meramente “objetos”. Se a intenção for somente a de usá-los durante a coleta de dados e depois descartá-los ou esquecê-los corremos o risco de não ser bem-vindos.

Neto enfatiza (1994, p. 14) em um de seus escritos que:

Noutras palavras, não é apenas o investigador que dá sentido a seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e as suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são que as ações objetivadas.

Portanto, esse autor alerta sobre o cuidado *teórico-metodológico* com a temática a ser explorada. Para que o pesquisador consiga realizar uma boa pesquisa, há a necessidade de ter uma programação bem definida. Existe a possibilidade de ser criados laços de amizade, ao serem firmados compromissos entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa estes não poderão ser desprezados.

É preciso propiciar o retorno, compartilhar os resultados obtidos buscando a viabilidade de futuras pesquisas.

Pesquisar cientificamente é uma escolha ética. Depois que iniciamos este processo precisamos entender que estamos atraindo “olhares” e assumindo responsabilidades, porque estamos lidando com a vida das pessoas envolvidas.

Optamos pela abordagem qualitativa por entender que esta seja a mais adequada no sentido de possibilitar a perspectiva compreensiva da realidade estando nela imersa, respondendo a questões particulares, sem a preocupação da generalização dos achados.

A pesquisa qualitativa nos dizeres de Neto (1994, p. 22) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

O espaço para a realização da pesquisa foi a Escola Estadual Agar no município de Otacílio Costa – SC. Os critérios para a escolha dos sujeitos pautaram-se na análise documental de fichas cadastrais e funcionais. Estabelecemos entrevistar ex-professoras de Educação Física e ex-alunos que tivessem estudado e atualmente fossem funcionários.

Acreditamos que para conhecermos as memórias dos entrevistados no ato da rememoração ocorre articulação entre experiências, vivências, fatos individuais e coletivos, entre o passado e presente, considerando relevante que os sujeitos partilhassem as histórias para os estudantes, abrindo possibilidades de conhecerem as memórias dessa escola, das pessoas contada por aquelas/as que outra ali fizeram seu palco de ação.

Através de comunicado oficial registrado em ata manifestamos à direção e orientadora educacional a intenção de fazer a pesquisa na escola. Não houve resistências ou restrições relevantes.

Essas e outras questões imbricadas no processo de pesquisar permearam o processo, outras vezes me interrogava como realizar a pesquisa no espaço onde trabalho? Como relacionar histórias contadas pelos participantes contextualizando-as aos momentos e situações vivenciadas no

passado e na atualidade? E se nas falas das entrevistadas não surgissem as memórias da Educação Física?

Por vezes, houve a necessidade de reduzirmos, delimitarmos, recortarmos e focarmos a *questão-problema* optando pela representatividade de oito sujeitos, sendo quatro ex-professores e quatro ex-alunos da Escola Agar que trabalharam com a Educação Física nas décadas 1970 a 1990.

Optamos por esse recorte temporal porque contempla duas situações marcantes. A inauguração da escola em 11 de novembro de 1973; e em 1990 a contratação de uma professora Licenciada em Educação Física, além da ampliação da Escola.

Inicialmente realizamos uma pesquisa *documental*, um levantamento em documentos existentes na escola mapeando informações com o auxílio de alunas e alunos da 8ª série que auxiliaram nesse processo.

Encontramos atas de reuniões pedagógicas, livros de ocorrências, Projeto Político Pedagógico, fichas e cadastros funcionais de professores e professoras com fotografia, matrículas de ex-alunos e alunas e fotografias de eventos organizados.

Estes documentos estavam guardados e arquivados na secretaria. Através desses materiais começamos nos aproximar da história da instituição, isso nos permitiu ir observando os registros feitos por secretárias, professores, alunos e diretores de outras épocas.

No segundo momento mantivemos os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa, por telefone, e não houve recusas. As entrevistas foram agendadas com todos e aconteceram nas quartas-feiras quando havia duas aulas de Educação Física das 8 horas às 9 horas e 30 min.

Já as entrevistas-conversas foram realizadas com @s professor@s e @s ex-alun@s, numa recriação do clássico processo de entrevista. Pensamos que a vinda de professor@s que já haviam trabalhado na escola, poderia ser uma oportunidade de trazer também aos alunos um pouco da história da escola, através dos depoimentos presentes nas memórias. Nesse sentido a pesquisa qualitativa no ambiente escolar ultrapassa a especificidade da coleta de dados e acompanha a formação da comunidade escolar envolvida.



Figura 2: À sombra do pinheiro Educação Física piquenique Turma de alunos da 8ª série, professoras Cristina Sutil, Jeane Hugen de Souza e Ana Lúcia de Lizagachada de gorro na cabeça.

Neste processo realizamos mediações sem a intenção de induzir as respostas às questões, promovemos o diálogo e a interação entre os envolvidos. As entrevistadas foram receptivas, colaboraram trazendo fotografias de sua época de estudantes.

Foi oferecido às entrevistadas pel@s alun@s “presentes” simbólicos para agradecê-los pelas contribuições, pela presença, pela disponibilidade de retornarem a Escola Agar.

Durante as entrevistas-conversas percebemos no grupo relações de atenção, interesse e “*escuta sensível*”⁶ as falas, aos questionamentos.

Ainda fomos alertadas pelas palavras de Lüdke e André (1986, p. 36) que:

O entrevistador precisa estar atento não apenas [...] ao roteiro preestabelecido e às respostas que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validade do que foi efetivado.

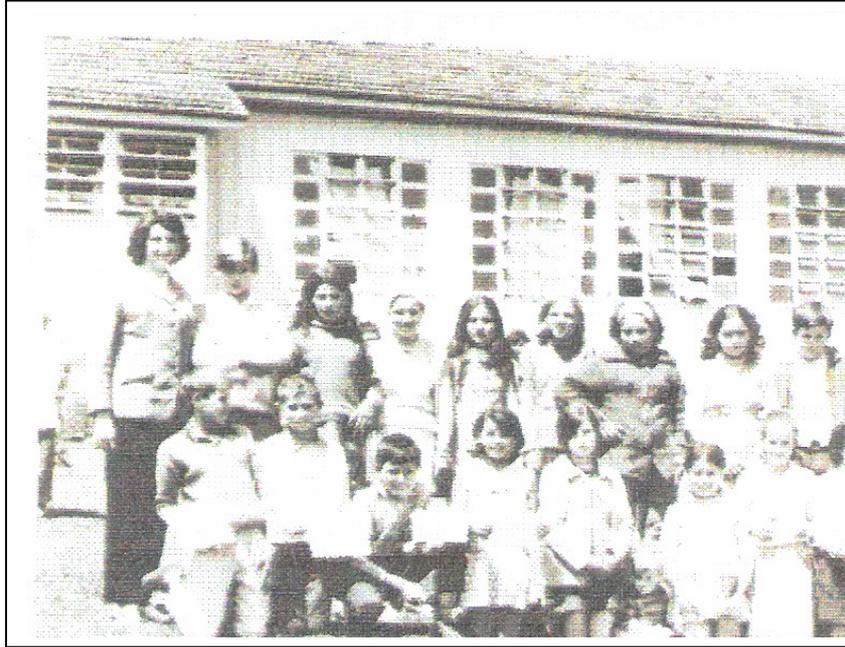
Freire (1996, p. 2007) em uma de suas obras discute a formação docente ladeada à questão da reflexão sobre a prática educativo-progressista em favor da autonomia dos estudantes. Embora, não seja a preocupação

⁶ Barbier (1995, p. 209) “a escuta sensível supõe um trabalho em si, em função de uma consideração sobre nossa reação com a realidade, com ajuda eventual de um outro à escuta”.

principal da pesquisa, o autor faz um alerta para a emancipação e a busca da criticidade.

A quarta etapa foi a análise das entrevistas-conversas a fim de estabelecer possíveis categorias, temáticas e relacioná-las com as teorias buscando as marcas, as memórias da Educação Física.

Na análise e interpretação, Gomes (1994, p. 67) enfatizam que: “às vezes, nossos dados não são suficientes para estabelecermos conclusões (...) devemos retornar à fase de coleta de dados para suplementarmos as informações que nos faltou”.



**PARTE II –
MEMÓRIAS DOS TEMPOS E ESPAÇOS**

PARTE II – MEMÓRIAS DOS TEMPOS E ESPAÇOS

2.1 - As minhas memórias nas memórias da Escola

Este texto apresenta lembranças de acontecimentos vividos a partir de minha infância. São imagens e/ou representações que tiveram continuidade na adolescência, culminando com a escolha profissional pela docência na Educação Física.

Como um dos objetivos específicos da pesquisa foi estabelecer relações culturais a partir das minhas memórias articulando-as ao meu processo de formação, optei em rememorar alguns acontecimentos que tem marcas significativas para minha vida. Para Fontana (2005, p. 48) implica que: “A partir da técnica da história de vida, as vivências individuais passaram a ser coletadas e analisadas tendo em vista o conhecimento do social”. Busquei nas minhas memórias um processo reflexivo, procurando entender e reconhecer os significados dos fatos e experiências, caminhando ao encontro de vivências do passado, confrontando com o presente e buscando reflexões na perspectiva de delinear o futuro.

Este processo foi denominado por Josso (2004, p. 58) como “caminhar para si” onde entra:

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo da nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade.

Além, da fala acima, outro aspecto interessante ressaltado por Josso (2004) está na relevância das histórias de vida, onde através de narrativas (auto) formadoras é possível um “olhar para si”, processo que reconstrói momentos relevantes na formação docente, inicial e continuada.

Nesta perspectiva, o *contar* pode ser considerado uma *narrativa das memórias* na qual aquele e aquela que conta cria e recria situações e experiências particulares, acompanhadas e partilhadas na coletividade, que se constituiu na presença, com a ajuda e a influência de muitas pessoas queridas e amadas que contribuíram nas trajetórias vida.

Para Josso, (2004) a escrita narrativa é interessante porque nos coloca em contato com as nossas “recordações-referências” possibilitando-nos o conhecimento dos “momentos de charneira” àqueles que foram realmente significativos.

Não se objetivou com as narrativas simplesmente recordar lembranças e descrever fatos particulares, mas partilhar histórias que contribuíram para a reflexão individual e coletiva das professoras e alunos e alunas.

Nessa perspectiva as trajetórias escolares, são para Josso (2004, p. 64). “[...] um primeiro desbravar dos períodos significativos do percurso de vida de cada um e dos momentos – charneira [...]” compreendido como: “(...) aqueles que apresentam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer “ Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz parte de uma articulação”.

Wittizorechi, et al (2006) aponta que as narrativas de professores, enquanto procedimento metodológico, pode representar a possibilidade da perspectiva de produzir outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores e das professoras. Além de revelarem experiências interessantes permeadas de referências e valores socioculturais.

Outros autores que comungam destas idéias são Dias e Engers (2005, p. 510 -11) que dizem que: “Ao ouvir o professor, não conhecemos só uma história, mas conhecemos os contextos sociais, históricos e culturais em que esta aconteceu; quer dizer há uma intersecção entre a sua história pessoal e a história da sociedade que a contextualiza”.

Consideramos que os momentos-charneira mais significativos de minha formação pessoal e profissional se constituíram através das brincadeiras, do esporte escolar, da poesia e do teatro, do magistério e da licenciatura em Educação Física.

2.1.1 - Brincadeiras, família e Infância.

Nasci em Agrolândia – SC em 1978, mas quando tinha quatro anos minha família veio morar nos fundos da casa de meus avôs paternos na cidade de Lages–SC. Sempre recebi incentivos dos meus pais – Cláudio - caminhoneiro e Célia – costureira, que não mediram esforços, para que eu e meus irmãos – Odilon – caminhoneiro; Edivaldo - eletro técnico e Júnior - serviços gerais no mercado - trilhássemos caminhos diferentes, fundamentados nos princípios e valores da honestidade, fé, dignidade e trabalho.

As brincadeiras que fizeram parte de minha infância foram: pular corda, a imitação de personagens da televisão, as cantigas de roda, o esconde-esconde, brincar de secretária e telefonista, brincar de ‘vendinha e lojinha’, brincar com bonecas, fazer roupinhas e as cambalhotas, estrelinhas e “virar ponte” - ensinadas por meu avô paterno.

Este repertório de conhecimentos fazia-me fantasiar muitas profissões: dizia que ‘quando crescesse’ queria ser costureira, por instantes queria ser atriz de teatro, escritora, jornalista ou professora de crianças.

Não fiz a pré-escola, fui matriculada, aos sete anos na 1ª série. Lembro-me que ao final das aulas, propositadamente, saía por última da sala para pedir à professora as sobras de giz.

Então em casa, às vezes com duas ou três amiguinhas, brincava de escolinha, ali era permitido imitar as professoras, principalmente as preferidas.

Era permitido imitar o jeito que falavam e se posicionavam na sala e até mesmo a letra. Brincar de escolinha era uma das brincadeiras favoritas, recordo-me que assumia o papel de ser a professora.

Fiz meus estudos de 1ª à 8ª série na Escola Básica Municipal Santa Helena de 1985-1992, a minha turma foi a primeira a concluir o ensino fundamental.

Na época do Ensino Fundamental a escola era de madeira, as pessoas se referiam a ela como escolinha, talvez para diferenciá-la de outra escola próxima da rede estadual. Depois houve uma reforma geral e construíram outra escola de alvenaria.

2.1.2 - O Esporte, a Educação Física

Não me recordo de ter alguma preferência em especial por alguma matéria, gostava muito de estudar, de fazer os trabalhos e as tarefas de casa.

No entanto, a melhor expectativa era pelas aulas de Educação Física, pois sabia que poderia brincar ao ar livre de pega-pega, de colar, de amarelinha, de queimada, de estátua, de pular corda, de relógio, de bate-manteiga, de cantigas de roda, de bicho, de polícia e ladrão, de bola ao túnel, corrida de saco, brincar com arcos, etc.

Quando chovia, brincava de montar quebra-cabeças, jogar bingo, dançar as músicas da Xuxa, do Balão Mágico e do Trem da Alegria⁷. Gostava de fazer tiro ao alvo - atirando pedaços de giz no quadro e das competições entre as fileiras passando a bola de mão em mão, torcendo para que não caísse no chão e chegasse ao final da fila, para ganhar pontos, da professora.

Também brincávamos de completar desenhos de bichos, como o rabo do gato e o bigode do gato, que a professora iniciava no quadro, com os olhos vendados, as dicas e as orientações eram importantes para ajudar os companheiros das equipes.

No Ensino Fundamental houve a iniciação aos esportes, como o futebol, o vôlei, o handebol e o atletismo nas aulas de Educação Física. As condições, a infra-estrutura, não eram as melhores, as aulas eram realizadas numa quadra de cimento, ao ar livre, ali desenvolvíamos jogos, corridas individuais ou de revezamento. Os saltos em distância e altura eram improvisados com cordas em um campo gramado em frente à escola, ao lado de um posto de saúde.

Nesta época comecei a admirar ainda mais a atuação dos professores de Educação Física, que estimulavam a participação nos eventos escolares.

⁷ Programas Infantis veiculados pelas redes de televisão brasileira na década de oitenta.

Este incentivo fazia com que muitos tivessem a iniciativa de organizar as equipes e se inscrever nos jogos internos da escola. Os alunos que gostavam e se destacavam nas modalidades esportivas eram convidados a treinar na escola em horário alternado as aulas.

Era muito bom voltar para casa e mostrar os bilhetinhos que pediam autorização aos pais para participar dos joguinhos que aconteciam na própria turma e depois com outras turmas na escola.

Nos jogos promovidos e organizados pela Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes existia a oportunidade de sair da escola e conhecer novos amigos, passear de ônibus, cantarolar “gritos de guerra” na ida e na vinda do Ginásio de Esportes Vidal Ramos Junior.



Figura 4: Equipe em pé da esquerda para a direita na primeira fileira: Marcos, Fabiano, Jair, Fabiano, Cláudio, Alexandre, Janaina, Odilon - meu irmão. Em pé na segunda fileira: Professora Educação Física Jussara, Cristina Sutil - no colo filha da professora, Ane Patrícia, Claudete, Osvanir, Silvane, Fátima, Márcia, Professora de Educação Física Joara, Professora Mirtes, Silvano - em pé. Sentados na terceira fileira: Ronaldo, Marcio, Alexsandro, Edvilson, Marcos. Sentados na quarta fileira: Anderson, Julio, Fabiana, Janaina, Jane, Graziele, Rubia, Silviane e Joana. Fonte: SUTIL, C. Arquivo pessoal (1992).

As torcidas feitas pelos estudantes da escola e pelos professores, as faixas e as batucadas organizadas para o nosso time era motivo de emoção, aí sim é que a gente queria jogar bem, se destacar, a fim de receber elogios de todos, principalmente dos professores e de nossos pais. O lanche que ganhávamos naquela semana de jogos era ainda mais gostoso e compensava as energias gastas em quadra ou na pista de corrida.

Tínhamos orgulho em representar a escola e honrar o uniforme. Outra coisa que me recordo, é que o fato de os jogos serem apitados por “árbitros e

juízes de verdade” era muito valorizado, motivo de muita emoção e respeito às regras.

O esforço de todos era grande, tínhamos disciplina e garra, queríamos ser campeões e ganhar medalhas e troféus - existia a combinação do troféu ficar uma semana na casa de cada jogador.

Conversávamos entre nós e os professores sobre a importância de saber vencer e perder, não machucar propositadamente ou humilhar as outras equipes, o que valia mesmo era a participação. Aos poucos, percebíamos que alguns alunos da nossa e de outras escolas não reagiam da mesma forma em determinadas situações, como por exemplo, ao perder um jogo ou sofrer falta.

Outros ainda não demonstravam ter a mesma orientação, e isto era motivo para que refletíssemos sobre tais atitudes e entender a importância da participação.

Quando se encerravam as atividades, aguardávamos a colocação final das equipes, a entrega da premiação de troféus e medalhas para os três primeiros colocados. Havia também a medalha de honra ao mérito à torcida mais organizada da escola e ao aluno ou aluna considerado destaque ou revelação.

Nem sempre éramos campeões. Quando nosso time não se classificava tínhamos sempre o apoio e o incentivo de continuar tentando a fim de melhorarmos.

As competições das aulas de Educação Física ou das gincanas estudantis não representavam frustração ou expressão de negatividade entre os estudantes ou rivalidade entre as turmas, pelo contrário havia o sentimento de auto-estima elevada e uma excitabilidade positiva antes, durante e após os eventos.

Além do esporte, também na adolescência apaixonei-me pela dança, gostava muito de aprender e ensinar passinhos às amigas, na verdade, gostava de me envolver em todas as atividades da escola, como apresentações de danças, fazer teatro, escrever e declamar poesias. Tínhamos um grupo de meninas que dançavam Ginástica Aeróbica.

2.1.3 - Poesia: escrituras nos tempos...

Comecei escrever poesias aos 12 anos em um caderno, tinha muito gosto em colocar no papel minhas palavras e pensamentos. Sentia a necessidade de mostrar meus escritos às pessoas a fim de que conhecessem a poesia e dizia que queria ser escritora. Assim, como o Quintana e o Drummond, conhecidos e valorizados por sua arte poética.

Aos 15 anos organizei o caderno que estava escrito todo à mão. Meu irmão Odilon, com 13 anos trabalhava como ourives na joalheria do primo, me presenteara com uma máquina de escrever - Olivetti-1982. Em menos de dois anos datilografei todas as poesias, mas o desejo era vê-las publicado.

Já estava com quase 17 anos quando apresentei à minha mãe os escritos. Fomos às gráficas, jornais da cidade, atrás de informações e saber os custos para fazer a publicação. As tentativas, na maioria, foram frustrantes a ponto de querer desistir definitivamente daquele sonho. As pessoas que nos recebiam tratavam o assunto com banalidade como algo impossível de ser realizado.

Meu pai trouxera para casa um recorte de uma revista que estava lançando um concurso de poesias, na cidade do Rio de Janeiro, era necessário enviar o material, esperar a análise, o parecer da comissão editorial e quem sabe ser premiada com a edição.

Não demorou mais de duas semanas para que o resultado chegasse via correio, o material havia sido selecionado, junto com o aceite a editora enviou a proposta de edição que se dizia vantajosa em relação a outras editoras. Como não tínhamos noção da realidade, assinamos o contrato para a confecção de 500 exemplares do livro - Fragmentos.

Meu pai fizera um acerto na empresa em que trabalhava como motorista de ônibus, esta época não foi fácil, passamos muitas necessidades e dificuldades a fim de quitar a dívida com a editora e ter a obra publicada.

Os livros ficaram prontos, em menos de três meses. Os vizinhos, os parentes e os amigos perguntavam quando seria o lançamento e aí começou outra maratona.

Uma ex-professora de Matemática das Séries Finais do Ensino Fundamental que havia sido regente da 8ª série em que estudei levou algumas

poesias até um jornal da cidade para que fossem publicadas. Teve a iniciativa de marcar uma audiência com o prefeito municipal da época que tomou algumas providências interessantes.

O diretor da escola onde eu fazia o magistério através da Associação de Pais e Professores também contribui e o lançamento oficial aconteceu em 22 de agosto de 1995 na VII Bienal Internacional do Livro na cidade do Rio de Janeiro.

Depois deste lançamento aconteceu mais outro no auditório da escola onde fazia o curso de Magistério de Educação Física e na Biblioteca Pública Municipal no dia do aniversário de 236 anos da cidade de Lages em 22/11/1995.

Particpei de outros concursos, publicando alguns contos em antologias literárias – Grandes Escritores do Cone Sul (2000), O Beijo (2001) e Poesia Nativa (2001).

Mais tarde reconheci que viver da literatura é difícil, em nossa cidade. Pretendo retomar minha escrita poética que neste momento está sendo preenchida pela escrita acadêmica e a docência na Educação Física.

2.1.4 - Ser Professora... Uma experiência brincante...

Uma frase de Fontana (2005, p. 50) nos faz um convite a uma reflexão sobre a constituição da vida dos docentes.

O processo em que alguém se torna professor/a é histórico (...). Na tramas de relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente.

As minhas escolhas pelo curso de magistério foram influenciadas nas experiências brincantes quando estudei no Centro Educacional Vidal Ramos nos anos de 1992 a 1995.

Em 1996 tive a primeira experiência como professora de Educação Física na rede municipal de Lages–SC contratada em caráter temporário como docente nas séries iniciais.

O interessante é que realizei meu estágio na escola onde concluí o Ensino Fundamental e depois ingressei como professora na mesma escola. Logo em seguida, através de boas referências obtidas na escola onde cursei o magistério fui indicada para trabalhar no Centro de Educação Mundo Encantado, da rede particular de ensino.

Fiz um cursinho pré-vestibular no Colégio Santa Rosa de Lima, pois não me sentia em condições de realizar o vestibular sem esta preparação adicional. Foram duas tentativas para entrada no Ensino Superior.

A primeira na Universidade Federal de Santa Catarina–UFSC em Florianópolis, mas não fui aprovada. E a segunda na Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC em Lages onde ingressei no curso de Licenciatura em Educação Física no início de 1997 concluindo-o no final do ano de 2000⁸.

Estudava no período matutino e à tarde trabalhava na rede municipal de Lages-SC com Educação Física nas Séries Iniciais - 1ª à 4ª série. Então na metade do ano aproximadamente 200 funcionários municipais temporários foram “dispensados” estando eu entre eles.

Já havia aberto mão do trabalho na escola particular que coincidia com as aulas da Faculdade e agora, estava desempregada. As coisas ficaram complicadas, as mensalidades da Faculdade atrasaram e precisava urgentemente de outro trabalho para cumprir meus compromissos.

Na turma da Faculdade conheci dois amigos que atuavam em grupos de teatro amador, um deles atuava como ator e diretor em um grupo de jovens em Lages–SC, o outro atuava como ator em Otacílio Costa–SC. Logo que este amigo veio residir na mesma cidade começou a fazer parte do grupo. Recebi o convite do primeiro para conhecer o grupo que dirigia.

Comecei a participar dos ensaios, dos encontros, ajudava na maquiagem, no cenário, sem maiores pretensões, até que comecei a fazer parte do grupo de teatro amador JUNAC como atriz.

⁸ Este curso era uma extensão/convênio da Universidade Regional de Blumenau– FURB com a Universidade do Planalto Catarinense. Minha turma foi à última em convênio. No ano 1998 a UNIPLAC já havia instituído sua grade curricular própria.



Figura 5: Apresentação da Peça: “O Circo” – Criação o Grupo - Em pé da esquerda para direita: Gilson, Grazielle, Hedir - leão, Cristina Sutil e Jedson. Fonte: SUTIL, C. Arquivo pessoal (2001).

Éramos três amigos com afinidade com as artes cênicas, integrantes do mesmo grupo de teatro fazendo o mesmo curso de licenciatura. Logo se juntaram mais dois ou três acadêmicos e pensamos em criar um grupo de teatro na universidade. Somamos forças na faculdade, pois estavam passando pelas mesmas dificuldades.

Lógico que o teatro seria nosso trabalho, mas uma bolsa de estudos era uma alternativa interessante tanto para a universidade que não tinha um grupo de teatro, quanto para nos acadêmicos e acadêmicas⁹.

⁹ O Grupo de Teatro Universitário da Uniplac – GAIARTE - teve sua fundação em 25 de fevereiro de 1997.

O trabalho era intenso, dividíamos as tarefas, elaborávamos o roteiro, escrevíamos e dirigíamos as peças, desenhávamos o figurino, projetávamos o cenário. Fizemos algumas apresentações na cidade e na região serrana divulgando nossa arte e a instituição a qual representávamos naquele momento. Segui no grupo de teatro ensaiando à noite durante a semana e nos finais de semana - sábados e domingos à tarde até a conclusão do curso.

No ano de 1997 prestei concurso público em Bocaina do Sul-SC. Efetivei-me com 20 horas nas Séries Iniciais de 1ª à 4ª série com a possibilidade de ingressar nas Séries Finais de 5ª à 8ª também. Durante minha docência neste município pensava em desenvolver um projeto comunitário que contemplasse a participação de membros da comunidade em atividades artísticas, recreativas e esportivas de forma itinerante.

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Bocaina do Sul assumiu o projeto na metade do ano de 2000 até o final do ano de 2001.

Através deste projeto conheci muitas crianças, adolescentes, adultos e idosos. Tenho a convicção de que lhes ensinei muitas coisas e de que aprendi muito também, como por exemplo, respeitar a comunidade rural constituída de pessoas simples, honestas e trabalhadoras¹⁰.

Prestei concurso público para o magistério estadual e me efetivei com 40 horas aulas no município de Otacílio Costa-SC¹¹. Esta retrospectiva conta com aproximadamente treze anos de atuação na Educação Física no Ensino Fundamental. O ingresso como docente no Ensino Superior veio concomitantemente à conclusão da Especialização em Atividade Física e Saúde no ano de 2001.

Fui convidada pelo professor coordenador da graduação para ser professora na disciplina de dança - substituindo a professora que estava em

¹⁰ Muitos participantes do projeto eram trabalhadores rurais e artesãos de vime. Tivemos a experiência de ser a primeira professora de Educação Física em 1997 a partir da emancipação do município. Fomos professoras de primas e primos, irmãos, durante a semana de trabalho ficava abrigada na casa de tios e tias já que o município de Bocaina do Sul. As atividades desenvolvidas contavam com escolinha de futsal, oficinas de dança e teatro, ginástica para mulheres e grupos de terceira idade, em Piurras, Areião, Campinas e Pessegueiros.

¹¹ Quando soubemos o resultado do concurso público do magistério estadual, solicitamos uma licença por dois anos (2002 a 2004) na rede municipal. Após o término não tivemos outra opção senão a exoneração em Bocaina do Sul.

licença para estudos no curso de Educação Física na Universidade do Planalto Catarinense. Encarei o desafio e desde então sempre que possível colaborei com o curso, já que manifesto grande interesse em atuar no Ensino Superior.

Em seguida outras oportunidades surgiram, como por exemplo, a de ministrar as disciplinas de Educação Física I e II no curso de Pedagogia regular em Lages, Jogos e Recreação no curso de Pedagogia semipresencial - Otacílio Costa; orientei estagiários do curso de Pedagogia semipresencial - Campo Belo do Sul-SC; orientei estagiários no curso de Educação Física na disciplina de Geriatria – Lages.

Esta trajetória fez-me lembrar múltiplos momentos de satisfação, de dificuldades e circunstâncias adversas, superação. Sinto-me feliz por estas oportunidades, pelo contato com pessoas que convivem em contextos sociais, com culturas e histórias diferentes. Tais diferenças e especificidades são interessantes e revelam modos de agir e pensar também diferentes.

As oportunidades que abracei, as experiências vividas cooperaram significativamente para minha qualificação pessoal/profissional e possibilitaram-me muitos ensinamentos e aprendizados, com maturidade posso dizer que considero importante avançar nos caminhos, mas às vezes voltar atrás não significa retrocesso. As idas e vindas fazem parte da caminhada.

Hoje posso dizer que me realizo enquanto profissional tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Superior obviamente com considerações distintas. Fascina-me ser professora de crianças e adolescentes, sou feliz em contribuir na formação dos futuros professores de Educação Física, este é um dos motivos, que me levou a fazer o mestrado.

2.2 - Cenários da Escola Agar

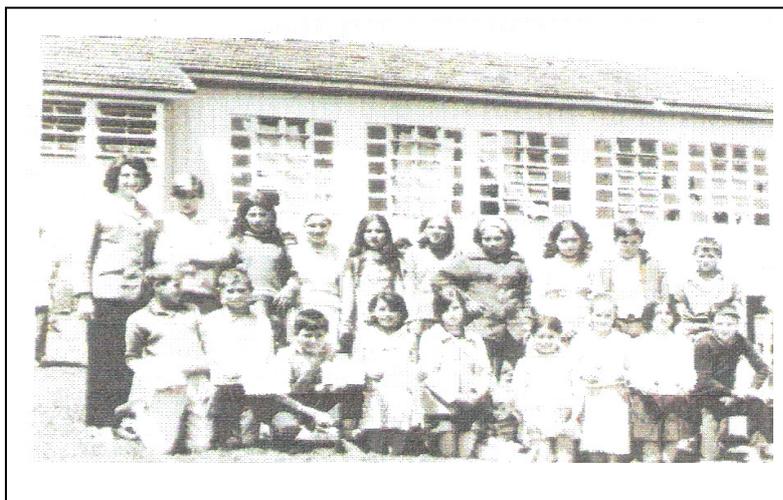


Figura 6: Escola Agar em 1973, professora normalista Humor em pé da esquerda para a direita e trabalhou com Educação Física.
Fonte: FRUTUOSO, H. B.

A escola pesquisada¹² é considerada por moradores da vizinhança e professores como uma das mais antigas no município. Iniciou suas atividades na década de 40 com sede e instalações diferentes da atual¹³. O registro mais antigo que lembra esta época é um Diário de Frequência do ano de 1946 que foi encontrado nos arquivos de secretaria.

Uma curiosidade interessante quanto à origem dos alunos que constam matriculados no referido diário do ano de 46, é que talvez não sejam filhos de antigos moradores de Otacílio Costa, pois nunca se ouvira falar sobre a origem ou o destino de tais famílias. A explicação para esta situação é que a primeira diretora por ser da cidade de Lebon Régis-SC tenha trazido este documento preenchido desta localidade para a escola. Depois desta data existe um salto

¹² A Professora de História, nos emprestou o texto: “Um Re-encontro com a História”. Na tentativa de resgatar aspectos da rotina escolar, alunos de 5^a à 8^a série foram entrevistados ex-diretores, ex-professores e ex-alunos. A “Mostra de Conhecimentos” era um evento cultural e artístico com apresentações de trabalhos organizados por professores e alunos e integrou o calendário desde 1994, anteriormente era chamada Feira de Ciências ou de Artes. Teve duração de 10 anos. Em 2005 o diretor da escola propôs o prosseguimento ou não, maioria dos professores aprovou a interrupção, alegando que era muito trabalhoso e que não havia a participação dos pais.

¹³ A estrutura era de madeira e contava com apenas dezoito alunos e três professoras Maria de Oliveira, Davina Debétio de Liz e Anita Xavier de Liz e a diretora - Paula Franciózi Franzói com a denominação de Escola Estadual Mista Desdobrada de Encruzilhada II. Localizada na Rua Acílio Tristão da Costa, em Encruzilhada, distrito de Palmeira, município de Lages - SC.

de seis anos para o registro de novos alunos matriculados e freqüentadores da escola¹⁴.

Outro fato curioso foi relatado, pela orientadora Mariza Estoele Deboite, que trabalha na escola há aproximadamente 20 anos, é que ninguém sabe ao certo a origem, a história ou quem foi Agar Alves Nunes, tampouco por que desta designação.

A ex-professora Hedilamar Beber aposentada narrou que ninguém tem conhecimento se Agar era do sexo feminino ou masculino, mas pelo o que se observa neste decreto é possível deduzir então que mulher.

Relatou que na década de 1970 quando chegou à escola há 38 anos o local já era chamado de Otacílio Costa–SC¹⁵, mas era conhecida também como Encruzilhada.

Sobre as questões econômicas, a exploração de madeira era a principal atividade da localidade de Encruzilhada e quem não trabalhava diretamente na fábrica, plantava pinheiro ou fazia pequenas roças para seu sustento.

Gilberto Manoel Frutuoso, falecido esposo de Hedilamar Beber teria estudado na primeira escola, no entanto quando a professora iniciou suas atividades docentes em 1973 foi no atual localização. Até nova inauguração da escola funcionou no salão da igreja matriz Santa Catarina. A inauguração da escola aconteceu em 11 de novembro de 1973.

¹⁴ Em 06 de agosto de 1952 a Escola da localidade de Encruzilhada passou a se chamar Escola Reunida Professora Agar Alves Nunes sem maiores esclarecimentos para esta alteração feita no Decreto nº. 342. Através do Decreto nº. 153 na data de 16 de abril de 1973 ocorreram a transformação do Grupo Escolar Agar Alves Nunes para Escola Básica, que autorizou o funcionamento condicional da 5ª série. Em 12 de dezembro de 1974 o parecer nº. 363 do Conselho Estadual de Educação – CEE autorizou o funcionamento da 6ª série. Quatro anos após em 20 de março de 1978 autorizou-se pelo Decreto nº. 4.641 o funcionamento da 7ª e 8ª série. Na mesma data de 12/12 do ano de 1983 o Pré-escolar começou a existir, através da portaria E/100, sob o registro nº. 2.164 de 18/03/1983, amparado pela lei nº. 4.394 de 10 de novembro de 1969. E pela Portaria E/017/2000, o nome da unidade escolar sofreu nova alteração, passando a se chamar Escola de Educação Básica Agar Alves Nunes.

¹⁵ O município de Otacílio Costa originou-se de Lages. Seu primeiro nome foi Casa Branca, referência a um botequim de madeira e pintado de branco, de propriedade do Sr. Lauro Araújo, localizado no terreno do Sr. Luiz Daboite. Mais tarde chamada de Encruzilhada, em função da estrada que ligava Otacílio Costa a Curitibaanos, onde havia um galpão para o pernoite e descanso dos tropeiros. Com a vinda de fazendeiros e aquisição de grandes áreas de terras, a região evoluiu rapidamente. No entanto, a maioria das terras era de Otacílio Vieira da Costa, político que atuou na vida pública, desde os 16 anos de idade. Tornou-se jornalista e escritor. Aos 26 anos foi eleito deputado na Constituinte Estadual. Após receber as denominações de Casa Branca e Encruzilhada, a vila passou a sediar o distrito de Otacílio Costa, O projeto de criação do distrito foi de autoria do vereador Dorvalino Furtado, da Câmara de Vereadores de Lages. Foi criado em 10 de maio de 1982.

2.2.1 - Contextos, Espaços, Projetos, Filosofia da Escola.



Figura 7: Escola Agar conhecida como Escola da Encruzilhada década de 40.
Fonte: FARIAS, A. C. Um Reencontro com a História (2004).

A Escola é responsável pela educação básica com turmas seriadas - de 1^a à 8^a série e turmas dos Anos Iniciais - 1^o ao 9^o ano do Ensino Fundamental.

O quadro de professores/as é de 18, sendo oito efetivos e 10 contratados; na administração existe o Diretor, a Assistente de Educação, a Orientadora Educacional, a Assistente Técnica-Pedagógica, uma Cozinheira e dois Auxiliares de Serviços Gerais. Possui aproximadamente com 470 alunos e alunas.

Consta no Projeto Político Pedagógico¹⁶ que:

(...) tem como objetivo a ação educativa, nos princípios de direitos iguais, acesso e permanência na Educação Infantil e no Ensino Fundamental e a gratuidade escolar. A escola se propõe a fazer uma educação voltada ao exercício da democracia e da cidadania, através da apropriação e produção dos conhecimentos, buscando uma sociedade isenta de discriminação, incentivando a crítica e a reflexão e ao dinamismo, onde os seres humanos são sujeitos de sua própria história. Terá a escola papel fundamental no

¹⁶ O PPP não é discutido nem atualizado pelos membros da comunidade escolar desde o ano de 2001. Com o resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - realizado em 2005 e 2007 que constatou os baixos índices de aprendizagem da escola 2,8 e 3,3 a equipe pedagógica e administrativa fizeram algumas “paradas” a fim de se analisar os principais motivos para esta situação e apontar soluções. A Assistente Técnica Pedagógica e a Orientadora elaboraram o projeto final e encaminharam ao Ministério da Educação para ser iniciado em 2009 através Plano de Desenvolvimento da Educação.

processo de construção e reconstrução do conhecimento, com participação coletiva e ampla de todos os setores envolvidos. Entendendo que a função primordial da escola é ter competência de: Educar/Ensinar/Aprender.

O prédio da escola é de alvenaria e tem nove salas de aula¹⁷. O espaço físico é amplo de forma retangular com aproximadamente 9.870 m² com área construída de 1.201 m² situada na Rua Valdo da Costa Ávila, 172 - Centro Administrativo¹⁸.

Sobre os espaços físicos e cômodos a escola possui as seguintes dependências: dois blocos com quatro salas cada, um pátio coberto, chamado de salão.

Dentro deste espaço existe uma sala pequena para aulas de reforço e apoio pedagógico ocupado pela Assistente Técnica-Pedagógica e uma sala para depósito de materiais de limpeza, móveis em desuso e instrumentos da banda marcial, antiga sala de Educação Física.

Existe também banheiro masculino e um feminino, biblioteca pequena sob a responsabilidade de duas professoras re-adaptadas por motivos de saúde, onde era a cantina da escola; cozinha e dispensa para alimentos.

Os cômodos existentes na parte inicial da escola contam com uma pequena sala de secretaria, sala da direção, sala de aula, dois banheiros, sala de orientação e sala dos professores.

A secretaria foi reorganizada no início do ano de 2008 para se transformar na Sala de Informática. Como o espaço foi insuficiente, no momento está sendo usada para a turma da Pré-Escola. Onde funcionou a Pré-Escola se instalou a Sala de Informática sem uso ainda.

Descendo as escadas, existe um salão coberto - utilizado para reuniões de pais, eventos de datas comemorativas e aulas de Educação Física. Dentro do salão existe uma sala pequena para aulas de reforço e apoio pedagógico fornecido pela Assistente Técnica-Pedagógica e um depósito de materiais de

¹⁷ Em 2008 estavam matriculados 467 alunos, distribuídos em 17 turmas do Ensino Fundamental e uma turma de educação infantil. São atendidas nove turmas no período matutino e oito turmas no período vespertino. Sou professora de Educação Física de 11 turmas. No período noturno funcionam duas turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação.

¹⁸ A paisagem é urbana com casas de alvenaria e madeira ao seu redor, no entanto, muitos/as alunos/as residem em bairros vizinhos à escola em casas modestas com poucos cômodos e condições precárias.

limpeza, móveis em desuso e instrumentos da banda marcial, banheiros masculinos e femininos e biblioteca.

Muitas crianças e adolescentes chegam cedo à escola brincam de bichocola, com bolinhas de gude, de amarelinha. Entretanto, as maiores preferências são jogar bola no ginásio e brincar no parque. Raramente, brincam sozinhas e com brinquedos, na maioria das vezes estão em pequenos grupos.

É relevante salientar que diante dos avanços tecnológicos e da variedade de brinquedos eletrônicos, da popularidade do celular, os alunos da escola não se deixam influenciar totalmente pelo uso desses bens de consumo.

Durante o recreio, os alunos vão para a merenda no salão da escola, em seguida, aproveitam o tempo para brincar de bicho, de menina pegar menino e vice-versa, jogar amarelinha, subir e descer de árvores, virarem cambalhotas, estrelinhas, mortais, brincar no parque¹⁹, se esconder nos banheiros, jogar bola e cantar músicas. Nesse ínterim, é comum acontecerem acidentes como choques e quedas pelo no pátio.

2.2.2 - O Ginásio de Esportes

Possui o nome de Gilberto Manoel Frutuoso²⁰ foi inaugurado em novembro de 2005. Esta obra é uma antiga reivindicação da *comunidade*.

Destina-se a prática de Educação Física que inclui atividades recreativas - gincanas, torneios internos, jogos e brincadeiras, atividades esportivas - futsal, handebol e vôlei. Basquete não é praticado, as paredes não dispõem de tabelas e cestas e atividades culturais - apresentações e exposições de trabalhos escolares, ginástica e dança. É um grande aliado das professoras que sofriam com as intempéries climáticas - o inverno é bastante rigoroso com episódios de chuvas freqüentes e geadas.

No entanto, já passou por duas reformas por problemas na parte hidráulica e nos tacos do chão. Em outubro de 2006 as condições de uso do

¹⁹ Atendendo às reivindicações da comunidade escolar, a Prefeitura Municipal, depois de receber assinaturas fez um parque no pátio da escola com escorregadores, gangorra, balanço e casinha.

²⁰ Nome em homenagem ao esposo da professora Hedilamar Beber que foi aluno da primeira escola chamada de Encruzilhadana década de 40.

ginásio se apresentaram precárias sendo então suspensas às atividades para os reparos necessários. Antes do término do ano letivo já se era possível utilizá-lo novamente para a realização de aulas e uso da comunidade.

Na metade do ano de 2007 o problema se repetiu desta vez mais agravada, a maioria dos tacos se soltou muitas goteiras no teto ocasionadas por pedras jogadas e vidraças quebradas propositadamente.

Até a metade do ano o ginásio era utilizado pela Fundação Municipal de Esportes - FME, para a realização de escolinhas de esporte - futsal e vôlei sendo que a maioria dos participantes era composta por alunos e alunas da escola. No ano de 2008 as escolinhas não iniciaram, pois o ginásio ficou interditado para a reforma geral até agosto de 2008.

Nas suas dependências existe sala para o uso de cantina, mas que não funciona. Além desta sala existem vestiários, banheiros e chuveiros.

A quadra do ginásio tem as linhas esportivas do futsal, vôlei, handebol e basquete, no entanto, a prática do basquete fica prejudicada pela falta das tabelas.

Tradicionalmente, durante a semana o ginásio é utilizado pelas professoras e alunos das séries iniciais e finais do Ensino Fundamental para as aulas de Educação Física.

Não é comum que professores/as de outras áreas do conhecimento utilizem o ginásio, somente quando há eventos, como por exemplo, jogos internos, gincanas e apresentações.

No período noturno o ginásio é utilizado por pessoas da comunidade para a prática de futsal, na sua maioria meninos e homens da vizinhança. Jogar bola parece ser a única atração esportiva e de lazer da comunidade, raramente jogam vôlei.

Não existem funcionários ou técnicos responsáveis pelo ginásio e suas dependências. O que gera conflitos e causa desconforto às professoras e aos alunos que usam este espaço, para fazer Educação Física. As arquibancadas e a quadra ficam sujam com pontas de cigarros, latas de cerveja e refrigerante. O responsável pela locação, agenda de horários e cobrança da taxa da comunidade é o diretor.



**PARTE III –
EDUCAÇÃO FÍSICA E MEMÓRIAS**

PARTE III - EDUCAÇÃO FÍSICA E MEMÓRIAS



Figura 9: Piquenique da Educação Física - década de 70, professora na rede acompanhada dos alunos e alunas nas proximidades da Escola.
Fonte: FRUTUOSO, H. B. Arquivo pessoal.

3.1 - Educação Física: Tempos na história, sentidos das memórias...

A Educação Física brasileira do século XX é marcada por influências da área médica que preconizava a garantia, a aquisição e a manutenção da saúde social através do higienismo. Também houve influências militares e políticas.

Na década de 20 importaram-se os modelos e métodos de outros países como, por exemplo, a ginástica alemã, sueca e francesa. Nas décadas de 30 e 40 foram criadas as Escolas de Educação Física do Exército e da então Universidade do Brasil no Rio de Janeiro²¹.

As linhas sueca, alemã e francesa predominaram até a década de 50. A linha francesa foi fundamentalmente adotada nas escolas brasileiras. Por esta influência criou-se a primeira Escola de Formação no Brasil (1907), a Escola de Educação Física da Força Pública de São Paulo.

De 1940 a 1970 é possível perceber que os princípios higienistas, de resistência e aptidão física e os aspectos competitivos representavam a

²¹TUBINO. M. G. et alli. *Educação Física no Brasil*.

excelência para a sociedade geral. Final da década de 60 e início da década de 70 o esporte passa a ser a vitrine da Educação Física.

As atividades esportivas foram consideradas importantes na melhoria da força de trabalho para o “milagre econômico brasileiro”. Nesta época a Seleção Brasileira de Futebol conquistava o Tricampeonato Mundial, e o regime autoritário utilizou o esporte como propaganda.

O governo militar investiu na Educação Física em função de diretrizes pautadas no nacionalismo, na integração e na Segurança Nacional, objetivando tanto a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável como a desmobilização das forças políticas opositoras.

O pensamento dos militares era de que a atividade física era necessária para se ter um povo sadio, consciente, forte, disposto e pronto para defender a Pátria e isto seria possível com uma prática sistematizada da Educação Física principalmente nas escolas²².

Nesse período, o chamado modelo piramidal norteou as diretrizes políticas para a Educação Física. O desporto estudantil seria a base detectando novos talentos. A melhoria da aptidão física da população urbana e o empreendimento da iniciativa privada na organização desportiva para a comunidade comporiam o desporto de massa, este seria o segundo nível da pirâmide.

Com o objetivo de selecionar indivíduos aptos para competir dentro e fora do país projetando a imagem do país através do desempenho dos seus atletas no esporte de alto nível.

Encontra-se registrado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 21) que:

Em relação ao âmbito escolar, a partir do Decreto no 69.450, de 1971, a Educação Física passou a ser considerada como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolvem e aprimoram forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando.” O decreto deu ênfase à aptidão física, tanto na organização das atividades como no seu controle e avaliação, e a iniciação esportiva, a partir da quinta série, se tornou um dos eixos fundamentais de ensino;

²² MOURA, M. *In* Educação Física no Brasil: Uma História Política.

buscava-se a descoberta de novos talentos que pudessem participar de competições internacionais, representando a pátria.

Por isso, as aulas de Educação Física da época começaram a contemplar os alunos mais habilidosos em detrimento dos demais. Como o Brasil não se tornou uma potência olímpica conforme se pretendia, esse modelo foi esquecido.

As décadas de 80 e 90 se caracterizam como um período relevante à produção de conhecimento do campo da Educação Física. Ocorreram mudanças, eclodindo na crise de identidade²³.

No início dos anos 80 que a Educação Física brasileira se pautou em concepções pedagógicas com o objetivo de justificá-la na escola. A Educação Física que era direcionada aos alunos de 5ª à 8ª série passou a ser inserida a partir da pré-escola e na 1ª à 4ª séries. O objetivo principal se pautava no enfoque do desenvolvimento psicomotor, não teria mais a função tecnicista do esporte de alto rendimento.

Nesta perspectiva autores como Bracht et. alli, (2005, p. 9-10) expressam que:

No campo dessa produção, a década de 80 do século passado é vista como o momento em que a leitura dessa função é feita de forma mais sistemática, a partir de um viés sociológico de raiz marxista ou, mais genericamente, de uma teoria crítica da sociedade. Assim como na Pedagogia, também na Educação Física, a teoria marxista torna-se hegemônica como instrumental de análise, ao menos entre aqueles que se auto-intitulavam “críticos”.

As discussões da Educação Física na década de 90 foram subsidiadas pela produção de pesquisas realizadas na década anterior. Entretanto, no Brasil a qualidade de ensino e aprendizagem nas escolas passou por

²³ Surgiu a criação dos primeiros cursos de pós-graduação no Brasil, o regresso de doutores formados no exterior, a publicação de obras, eventos que movimentaram discussões a respeito das tendências pedagógicas no âmbito escolar, houve discussões científicas e aumento de publicações. Este movimento decorrente do momento sócio-político e o processo de redemocratização do país, e a necessidade de qualificação na área. Para Gamboa, (1994, p. 36): “Uma fase salutar da pesquisa, que significa um avanço das questões instrumentais, técnicas e metodológicas para as teóricas e epistemológicas”.

problemas que foram intensificados após a Reforma do Estado e da educação que aconteceu nesta época²⁴. A Educação Física não ficou alheia a este processo de rever os seus pressupostos, valores e propostas. Outra crise de identidade estava instaurada face às novas demandas sociais.

As teorias críticas da Educação Física conhecidas como: Crítico-Superadora²⁵ e Crítico-Emancipatória²⁶ buscaram referenciais nas Ciências Humanas e Sociais questionando os pressupostos, preocuparam-se com a especificidade da Educação Física Escolar, com a contribuição deste componente curricular, desafios de ensino, definição do objeto de estudo, valores, competências e habilidades através de abordagens metodológicas.

Outra produção interessante foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) que apresentaram os princípios de inclusão e diversidade baseados na cultura corporal de movimento²⁷.

3.2 - Memórias: tempos de recordar, compreender...

A memória não é um simples lembrar ou recordar,
mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência,
que é a relação com o tempo, e, no tempo,
com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado.
A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente
(mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro
(mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).
Chauí (2000, p. 164).

Encontrei em Souza (2001) nas narrativas²⁸ autobiográficas de homens e mulheres que se tornaram professores na Universidade de São

²⁴ A Reforma utilizou diagnósticos elaborados pelos agentes da Educação na década anterior, frente às denúncias da produção do fracasso escolar em larga escala, estas não foram suficientes para promover mudanças qualitativas no interior das escolas nos anos 90. Mais sobre assunto ver em Silva (2003) que discute a reforma do estado analisando seus processos e contradições.

²⁵ Coletivo de Autores, 1992.

²⁶ Kunz, 1991, 1994.

²⁷ A Revista Brasileira de Ciências do Esporte apresenta críticas aos PCNs. Este referencial é composto por discussões, pareceres e análises de vários autores.

²⁸ Esta pesquisa nos ajudou para “pensar” as memórias de ex-alunos e ex-professores que fizeram parte da Escola Agar. Não se pretendeu reconstruir as histórias de vida, mas permitiu que as memórias dos sujeitos da pesquisa tornassem-se possível movimentar as lembranças do passado sobre os acontecimentos vividos em um espaço social, histórico e cultural.

Paulo relatos de vida escolar e de formação até a entrada no ensino superior. Às lembranças desses docentes, revelam detalhes nem sempre registrados em publicações oficiais.

Quando são recordadas as histórias escolares demonstram o estado de emoção, como se o que aconteceu no passado estivesse acontecendo no momento presente. Além de que os relatos e os depoimentos orais trazem à tona experiências renovadas, repletas de significados.

Sobre o conceito de significado na pesquisa utilizo Fernandes (2001, p. 95) que entende como produção:

(...) entre coisas, sinais e eventos do mundo que nos rodeia e perpassa. Dar significado é uma característica que particulariza e identifica o ser humano por este ser, fundamentalmente, um ser histórico, social e cultural. As percepções do mundo real ou do contexto social são registradas e conservadas na memória na forma de imagens que são formadas a partir das experiências mantidas com o meio social e natural. Esse repertório de imagens vem a constituir o campo do imaginário: individual e social. A imaginação e a fantasia formam-se dessas experiências com a realidade, porém não se prendem a ela, mas através da combinação de elementos retirados destas experiências, compõem ou produzem novas realidades e significados que passam a interferir naquela realidade.

Aquilo que imaginamos individualmente não está descolado, desvinculado ou submerso do imaginário construído na coletividade. Os processos de subjetividade se mostram singularizados, mas quando analisados juntos formam entre os sujeitos uma rede de sentidos e significados que são renovados através de interpretações que são passadas de geração a geração servindo como interlocutores das histórias que vivenciamos em determinada época.

A tradição cultural presente na coletividade, as percepções da realidade atual e as marcas adquiridas em outros tempos revelam os sentidos construídos e atribuídas às vivências e as experiências na formação profissional e na prática docente. Esses desdobramentos permitirão novas reflexões e a interpretação dos fatos e de seus significados.

Kenski (2005, p.137-8) faz a seguinte colocação sobre o conceito recorrente de memória:

A idéia que as pessoas normalmente fazem, quando se enuncia a palavra “memória”, é a de que nos referimos a algo vivido ou experienciado no passado e que retorna, como lembrança, no presente. Esta idéia é completada com a suposição corrente de que as lembranças do passado permanecem inalteradas em algum lugar de nossa consciência e que, quando solicitadas, retornam com fidelidade e elucidam-nos sobre fatos e situações anteriormente acontecidos. (...) Estes exemplos, ainda que superficiais, já nos orientam para a idéia de que a memória dos sujeitos vem sendo encarada, por várias instâncias sociais e culturais, como depósito e a fonte mais significativa da “verdade”, capaz de definir os destinos individuais e coletivos dentro da sociedade (...). Na perspectiva de uma “memória do futuro”, ou melhor, dizendo, como a nossa realidade contemporânea se projeta, de forma ficcional, e “vive” o seu próprio passado, o presente e o futuro.

Kenski (2005) amplia este conceito através de um levantamento teórico. Apresento resumidamente suas percepções, destacando oito sentidos da memória: mitológico, orgânico, emocional, social, cultural, ficcional, tecnológico e virtual.

Na Grécia clássica, a deusa da memória, Mnemosyne protetora dos poetas²⁹, que podem estabelecer contatos com o passado, o “outro mundo”, no qual podem entrar e dele sair livremente. Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História.

A deusa dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais³⁰.

²⁹ Para Kenski (2005, p.140) Mnemosyne é deusa titã de Crono e de Okeanós, mãe das musas Melete - Exercício, Mneme - Memória, Aoidé - Canto. Como protetora, Mnemosyne garantia aos poetas a “visão inspirada”, graça para o qual se preparavam por meio de exercícios mentais e aprendizagens disciplinada da técnica poética.

³⁰ Chauí (2000).

A memória estudada por Kenski (2005) não descarta a relevância da neurologia, que se preocupa com o hábito consciente de memorização e a sua expressão através da linguagem, atividades solicitadas ao hemisfério esquerdo do cérebro. No entanto, aborda o caráter subjetivo da lembrança àquele que envolve a emoção ao recordá-la onde predominaria o hemisfério direito. Para Kenski (2005, p. 142) “A memória individual, a recuperação de lembranças do passado, do “já vivido”, é algo mais complexo e que exige do sujeito em conjunto de operação mental mais ampliado e diversificado”.

Chauí (2000) argumenta dizendo que alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato puramente biológico, isto é, um modo de funcionamento das células do cérebro que registram e gravam percepções e idéias, gestos e palavras, reduzindo-se ao registro cerebral ou à gravação automática pelo cérebro de fatos, acontecimentos, coisas, pessoas e relatos.

Se a memória fosse mero registro cerebral de fatos e coisas passados, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e escolhemos o que lembramos e que a lembrança tem como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos.

Nos dizeres de Kenski, (2005, p.144) a memória “sob o efeito da emoção, o sujeito pode “esquecer” um determinado acontecimento marcante de sua vida (...) o esquecimento é encarado como mecanismo de defesa e como condição de sobrevivência”.

Muitas experiências da época escolar aconteceram na presença de outras pessoas, ao lembrá-las podem surgir novidades ou a confirmação de algo através de relatos, depoimentos orais ou registros escritos. Ainda Kenski (2005, p. 141) enfatiza que: “Em geral (...) são aprendidos e incorporados de forma assistemática: no convívio social com a família, com o grupo de amigos ou com pessoas que exercem algum tipo de influência sobre os sujeitos: os professores, por exemplo,”.

As memórias que aparentemente se apresentam individualizadas, tão logo se revelam imbuídas e alimentadas pelas construídas na coletividade. Logicamente, ao serem solicitadas de forma mais específica, as lembranças escolares oportunizaram aos sujeitos da pesquisa revelar fatos que lhes foram convenientes, ou seja, que lhes marcaram, de maneira prazerosa ou não.

Permitem ainda, mesmo que por alguns momentos reviver experiências através de novos significados.

Halbwachs (1990), apud Kenski, (2005, p.146) aponta que:

O momento presente não pode ser considerado como um momento totalmente original, mas como reconstrução permanente de tudo aquilo que vivemos e aprendemos no decurso de nossas vidas. (...) O presente evoca-nos permanentemente as imagens e idéias apreendidas no passado.

Este entendimento foi encontrado em Kenski (2005) como a capacidade de mesclar o passado e o presente dando à lembrança um sentido mais real. Para Halbwachs, a memória significa trabalho, reconstrução alterada do passado, onde empregamos nossas opiniões, posicionamentos, pontos de vista e imagens sobre o que foi vivido.

Ainda Kenski (2005, p.147-8) discute a questão cultural da memória destacando que “para sobreviver em determinada cultura o indivíduo precisa renunciar à sua individualidade – desejos, fantasias, instintos animais, o que pode ser considerado como “pecado, erro, indisciplina - e assumir comportamentos socialmente aceitos pelo grupo.” Assim existiria um *comportamento cênico* do indivíduo ao se integrar socialmente e a aquisição do caráter mimético de identificação social.

Esta questão pode explicar o porquê das pessoas selecionarem apenas determinados fatos para contar a outrem. Nas palavras de Kenski, (2005, p.149) anulando informações ou acontecimentos “por meio de ameaças – proibições, punições, castigos e sanções (...) o grupo inibe os sujeitos de qualquer tentativa de recuperação na memória das suas preferências, escolhas e dos valores originais (...)”.

Legitimando-se a prevalência de alguns em detrimento de outros. Em outras palavras, há a imposição daqueles que estão no poder.

Mas, Kenski (2005) faz uma importante reflexão, a memória quando falada ou escrita não se *crystaliza*. Ou seja, faz movimentos, revisões, recuperações, construções. Esta capacidade se dá através do seu sentido ficcional.

Existe o envolvimento da imaginação e a emoção ao rememorar. Na verdade, com o passar dos tempos a capacidade de reinterpretar fatos, aplicar novos juízos, tirar outras conclusões, conhecer outros personagens, mudar conceitos, avaliar atitudes, etc.

Assim, Chauí (2000, p. 161) explica que:

Em nossa sociedade, a memória é valorizada e desvalorizada. É valorizada com a multiplicação dos meios de registro e gravação dos fatos, acontecimentos e pessoas (computadores, filmes, vídeos, fitas cassetes, livros) e das instituições que os preservam (bibliotecas, museus, arquivos). É desvalorizada porque não é considerada uma atividade essencial para o conhecimento – podemos usar máquinas no lugar de nossa própria memória – e porque a publicidade e a propaganda nos fazem preferir o “novo”, o “moderno”, a “última moda”, pois a indústria e o comércio só terão lucros se não conservarmos as coisas e quisermos sempre o “novo”. A desvalorização da memória também aparece na proliferação de objetos descartáveis, na maneira como a indústria da construção civil destrói cidades inteiras para torná-las “modernas”, destruindo a memória e a História dessas cidades. A desvalorização da memória aparece, por fim, no descaso pelos idosos, considerados inúteis e inservíveis em nossa sociedade, ao contrário de outras em que os idosos são portadores de todo o saber da coletividade, respeitados e admirados por todos.

A presença da tecnologia facilita a rememoração do passado tornando os fatos presentes, além de projetar opiniões futuras, aquilo que Kenski (2005) entende como *memória do futuro*. A idéia de memória artificial existe até hoje, quando nos referimos aos computadores e falamos de sua “memória”.

Para Chauí (2000) a diferença entre a memória artificial dos antigos e a atual consiste no fato de que a deles era desenvolvida como uma capacidade do sujeito do conhecimento humano, enquanto a atual deposita a memória nas máquinas e quase nos despoja da necessidade de termos memória.

Mais uma vez Chauí (2000, p. 163) expressa que existem seis grandes tipos de memória. As quatro primeiras fazem parte da vida de nossa consciência individual e coletiva; a quinta é inconsciente e puramente física; a última é uma técnica.

A memória perceptiva ou reconhecimento permitem reconhecer coisas, pessoas, lugares, etc. e que é indispensável para nossa vida cotidiana;

Memória-hábito: adquirimos por atenção deliberada ou voluntária e pela repetição de gestos ou palavras, até gravá-los e poderem ser repetidos sem que neles tenhamos que pensar;

Memória fluxo de duração pessoal: que nos faz guardar a lembrança de coisas, fatos, pessoas, lugares cujo significado é importante para nós, seja do ponto de vista afetivo, sejam do ponto de vista de nossos conhecimentos;

Memória social ou histórica: que é fixada por uma sociedade através de mitos fundadores e de relatos, registros, documentos, monumentos, datas e nomes de pessoas, fatos e lugares que possuem significado para a vida coletiva. Excetuando-se os mitos, que são fabulações, essa memória é objetiva, pois existe em objetos - textos, monumentos, instrumentos, ornamentos, etc. e está fora. A memória biológica da espécie: gravada no código genético das diferentes espécies de vida e que permitem a repetição da espécie e a memória artificial das máquinas, baseada na estrutura simplificada do cérebro humano.

Nos dizeres de Chauí (2000, p. 164) isso implica que:

Graças à memória, somos capazes de lembrar e recordar. As lembranças podem ser trazidas ao presente tanto espontaneamente, quanto por um trabalho deliberado de nossa consciência. Lembramos espontaneamente quando, por exemplo, diante de uma situação presente nos vem à lembrança alguma situação passada. Recordamos quando fazemos o esforço para lembrar.

Podemos observar há uma variedade de possibilidades de olhar as memórias em nossa sociedade, mas neste estudo nossa inclinação passa pela perspectiva de recordar o passado, para pensar o presente e delinear o futuro, portanto, uma memória em movimento que se constitui nos espaços das relações sócias, culturais e coletivas.



**PARTE IV –
TRAMAS DAS MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS**

PARTE IV - TRAMAS DAS MEMÓRIAS DAS PROFESSORAS

Buscamos descortinar a questão de pesquisa sobre a constituição da Educação Física na escola. Durante o processo de investigação percebemos na fala dos entrevistados acontecimentos que tiveram origem no contexto histórico, cultural, na conjuntura política e social da época.

Estabelecemos relações com as questões referentes às origens e as tendências pedagógicas que marcaram a Educação Física e que se vinculam às instituições militares, médicas e esportivas daquele tempo. Alguns fatos foram lembrados, semelhantemente, outros pareceram contraditórios ou esquecidos.

Com fins éticos os nomes das professoras entrevistadas se apresentam com codinomes: Sorriso, Humor, Tear e Móbile.

4.1 - As vozes das professoras

4.1.1 - *Narrativas de Sorriso*

Nasceu nos idos de 50, na cidade de Lages/SC. Sua mãe aprendeu ler na Bíblia, seu pai lia o livro do agricultor. Alguns anos depois a família se mudou para Otacílio Costa/SC. Na escola da cidade nova, não tinha a segunda série, repetiu a primeira. Como já sabia tudo foi ajudante da professora.

A escola era de madeira e ficava perto da fábrica onde o pai trabalhava. Onde “Hoje é o campo futebol”. Quando chovia ficava feliz, pois sabia que seu pai iria buscá-la de carro. Lembra-se até do cheiro da professora e que existia horário pra tudo.

Sorriso gostava de estudar, se espelhava nas irmãs mais velhas. Esforçada, mas suas notas não eram as melhores. Caprichosa, decorava o caderno, tirava o espiral e passava uma linha. Organizada, os seus amigos pegavam seu caderno emprestado. Inocente, não colava nas provas, a professora colocava os materiais no chão. Gostava de conversar. Nos

conselhos de classe reclamavam de suas conversas. Distraía-se e muitas vezes não sabia o que a professora estava falando.

Teve um dia que resolveu mudar. Sentou-se na primeira carteira e na prova de matemática tirou nota dez e a professora escreveu: “Continue assim e alcançarás a coroa da vitória”. O assunto era Mínimo Múltiplo Comum. Queria que as pessoas percebessem que havia mudado. Hoje considera todas as matérias importantes. Tinha dificuldade em decorar os textos e as datas de história. Não tinha preferência por matérias, mas por professores.

O professor de Biologia era um homem inteligentíssimo, aplicava um questionário pra gente e no início de cada aula perguntava coisas da aula anterior, fazia a prova com perguntas do questionário, cada vez mais exigindo da gente o conhecimento, quanto mais soubesse, mais ele cobrava.

Ainda fala que a escola era um ambiente sagrado, um lugar diferente da casa da gente. “Fazíamos fila após o sinal, não existiam castigos. Usava uniforme de saia plissada e camisa branca, adorava inventar “moda” usar as meias até os joelhos para chamar a atenção”.

4.1.1.1 - A Educação Física: ginástica, dores, brincadeiras...

Quando foi aluna disse que brincava na Educação Física de Duas Cordas, Bilboquê, Peteca, Pega-pega e Menina tão galante. “Um menino pegava na mão de uma menina e iam passeando e cantando, a gente ficava feliz em ser escolhida pelos meninos”. Fazia Ginástica, e uma vez por mês tinha os exercícios práticos que: “A gente ficava uma semana toda dóida. Em um minuto tinha que fazer o maior número de abdominal hoje eu sei por que a gente ficava assim, não fazia aquecimento”.

Sorriso lembrou-se de um professor que batia nas pernas dos alunos com o cordão do apito e de uma professora que cobrava muito a postura dos alunos. Uma vez foram fazer um passeio à cidade de Lages. Diz ela: “Eu caminhava dando pulos”, quando chegamos, ela disse: “Você não sabe caminhar, Sorriso, tem que ter postura, andar como mocinha”.

4.1.1.2 - Como se tornou professora

Fez o 2º Grau (1973-1977) o Magistério de Educação Física no Centro Educacional. Iniciou sua carreira na Escola Agar no primário. Quando foi professora de Educação Física procurava fazer aquecimento, brincava com bambolês, a parte propriamente dita da aula e a volta à calma. Conhecia muitas brincadeiras. Fala que na casa de sua mãe tem guardado o relatório de Educação Física e o quadro de formatura.

Nos dias de sol, fazia passeio e piquenique com os alunos, perto da escola, que na época tinha muitas árvores, como o ipê roxo e o amarelo.

Na época era mais prazeroso. O compromisso do aluno para com o professor era diferente. Tinha emoção para trabalhar com a criança não que hoje tem, mas é diferente. As crianças têm outro ritmo, é muito estressante, não é tão prazeroso quanto naquele tempo. Os alunos saíam de casa para estudar, não existia “não vou fazer”, a interação, hoje há diferença. Os valores estão ficando para trás com a juventude, no passado, diferença na evolução do mundo, é muita mudança de valores.

Nos dias de chuva, fazia brincadeiras dentro da sala, dividindo a turma em A e B, recordou-se da brincadeira dos grampinhos nos dedos, tiro ao alvo com círculos concêntricos desenhados no quadro valendo 100 pontos para quem acertasse o giz bem no meio, cada círculo tinha uma pontuação 50, 25, 15 e assim ia. A brincadeira dos quatro cantos era muito legal, relata que: “A gente tirava um aluno da sala e combinava com os outros, oh neste canto aqui tem um defunto, ali tem uma flor, ali um chocolate, sei lá o pai, então o aluno voltava e a gente perguntava o que ele queria. Qual canto você quer?”

Expressa que não trabalhava teoria nas aulas levava “trabalhinhos” feitos no mimeógrafo com mensagens e ensinava-os as regras, as medidas das quadras, jogava vôlei com os alunos atrás da escola. As marcas deixadas pelos alunos na Educação Física são o carinho para com os professores.

Não se recordou de algum aluno ou aluna ter seguido Educação Física como profissão. Em outro momento se lembrou que foi professora da aluna Circo que se formou professora.

Em 1978 fez o Curso Normal no Colégio Santa Rosa. Estudava de manhã e trabalhava à tarde na Escola Agar. Fez Pedagogia na UNIPLAC em

1998, Especialização em Didática e Metodologia de Ensino; e Gestão Escolar. Foi diretora de escola durante quatro anos.

4.1.1.3 - Outros tempos...

Na Educação Física os ensinamentos e aprendizados foram que adorava as aulas e aprendeu muito. Numa das falas diz: “Tinha rigor e eu precisava disto para aprender a me disciplinar. Só hoje tenho este entendimento”.

Analisa sua época escolar comparando aos dias atuais e percebe que as aulas: “(...) são mais dinâmicas, incentivo aos alunos à pesquisa, ao trabalho intelectual, *outra visão*, tem diferença na formação dos professores”.

Em sua opinião a Educação Física: “é o corpo, vida saudável, saúde, postura, coordenação, relacionamento, joguinhos de raciocínio. É corpo são e a mente sã, não adianta ter o corpo saudável e a mente doente.” Diz que ser professor é:

Não é só chegar à sala de aula e dizer hoje vamos estudar plural ou adjetivos, é perceber o mundo em que vivemos. O mundo está desvirtuado do que deveria ser os valores se perderam. A TV mostra uma liberdade, esse programa o big brother, quem é que gosta? Pois é mostra uma liberdade entre moças e rapazes que vão lá se conhecem, dormem juntos, então o valor moral e o respeito se perderam.

Em 2008 trabalhou com uma turma de 3^a série e à tarde pela primeira vez com a Pré - escola. Sente-se feliz e satisfeita e espera completar seus 50 anos de idade. Trabalha a 29 anos na Escola Agar e alterou sua carga horária, para se aposentar daqui a dois anos. Expressa na entrevista-conversa que: “Neste momento as memórias foram muitas, revivi cada momento com sabor de saudade e emoção, espero que minha passagem pela área da educação que traga uma gota de boa vontade de viver, e acreditar que a vida vale à pena”. (Sorriso).

A professora Sorriso apresenta, em suas entrevistas-conversas, uma reflexão sobre seu processo formativo, destacando o significado da Educação Física nos diferentes momentos de sua vida.

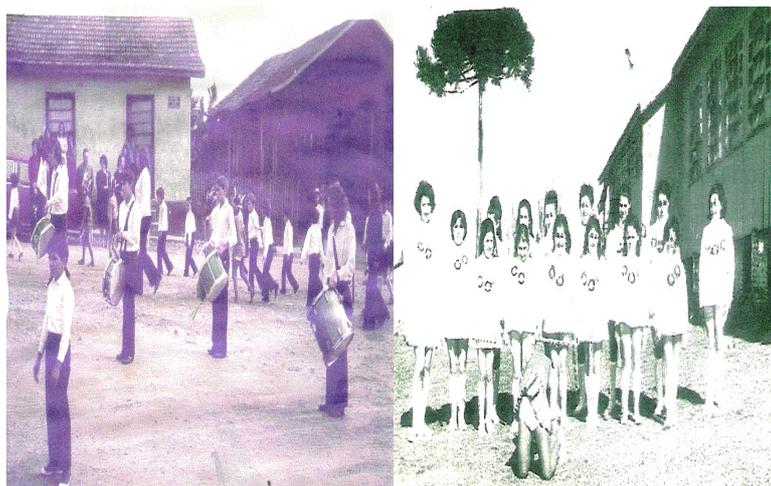
4.1.2 – Com a palavra, Humor

Está aposentada de suas atividades docentes. Iniciou sua carreira em 1966 no interior do município de Ituporanga/SC. A escola era de madeira, pintadinha de verde claro. As carteiras eram para dois alunos se sentarem. Andava doze quilômetros por dia, seis para ir e seis para voltar. Não tinha ônibus, não tinha nada, a estrada era de chão. Às vezes pegava uma carona com uma charrete ou carroça. Trabalhava de manhã com a 3ª e 4ª série e à tarde com a 1ª e 2ª série. Chegou à Escola Agar em 1970. Desempenhava funções em sala, fazia a merenda e a limpeza das salas. Não existiam professores com formação específica somente as *normalistas*. Foi a primeira a trabalhar com Educação Física. Desenvolvia brincadeiras e jogos. Era responsável pela organização das bandas e dos desfiles cívicos.

4.1.2.1 - Educação Física: A Técnica e o Civismo

Refere-se numa das entrevistas às suas responsabilidades na escola com muita satisfação afirma que:

Quando eu cheguei aqui não existia professor de Educação Física. Na época, de manhã eu trabalhava com o primário, às vezes eu variava um ano eu pegava a 2ª série e no outro a 4ª. Foram as turmas que eu mais trabalhei e no outro período eu dava Educação Física para o ginásio quando começou em 1973, 74, não lembro mais ao certo. Havia três tambores somente, mas eu organizei o dia 7 de setembro. Este foi o primeiro ano que eu fiz as turmas, os pelotões com três tambores. Na época só existia o primário, eu não lembro exatamente o ano que começou a ter o ginásio, porque agora é tudo 1º grau, 2º grau, então na época era primário, ginásio. Então não lembro ao certo quando começou o ginásio, mas quando eu cheguei aqui o professor de sala do primário dava Educação Física, Artes, Catequese, era tudo com o professor, não trocava de professor como hoje em dia, só que a dificuldade era maior, mas o trabalho da gente era mais gratificado, era valorizado (...)



Figuras11: Década de 1970, a professora Humor - à esquerda organizando o Desfile Cívico. A direita baliza.
Fonte: Foto cedida por Humor.

Nos idos dos anos 70, a ditadura militar, exercia forte influência nas instituições educacionais. O esporte entrou em cena na Educação Física para divulgar o governo. Alguns materiais foram se tornando disponíveis para o desenvolvimento de técnicas visando o alto rendimento.

Humor comentou sobre esta questão, no entanto, é possível perceber que precisou recorrer a outros mecanismos no início para desenvolver atividades diversificadas: “(...) até que tinha material, a gente pegava na coordenadoria na época. Disco, dardo, peso, isso tudo eu consegui”.

A gente conseguiu a bola e a rede (...) os meninos com pá e enxada, fizemos o campo de vôlei com a metragem certinha, as duas balizas pra segurar a rede. Nós improvisamos e aprenderam a jogar vôlei que foi uma maravilha. Tinha o campo de futebol e ao redor tinha a pista de corrida, não tinha caixa de areia pro salto, nós improvisamos, pedimos areia. Nós fizemos lá onde está o ginásio, a gente fazia gincana, então a tarefa era trazer corda pra gente ter corda pra fazer os jogos, é o cabo de guerra, aquelas coisas todas, bambolê, a gente pedia mangueira, quem trouxesse o maior número de mangueiras daí a gente fazia os bambolês pra gente poder trabalhar. (...) as primeiras televisões que chegaram pra cá foi em 70. A maioria falava em vôlei, então quem podia ter, via alguma coisa, mas não sabia o que era. Então eu fui ensinando vôlei, ginástica, nós fazíamos muita ginástica, dança.

O uniforme era obrigatório e padronizado. Os calçados e as roupas deveriam estar adequados à prática da atividade para facilitar os movimentos e torná-los mais agradáveis, por medidas de higiene e reduzir riscos de

acidentes. “(...) O uniforme? Ah, tinha um uniforme de Educação Física, não era com qualquer roupa não. Era o uniforme de Educação Física. Eram um calção azul com branco e a camiseta branca, tênis e meia branca.”

4.1.2.2 - Bolas, campos, quadras, redes, corpos... Pistas

Apresentamos vários fragmentos das entrevistas da professora Humor, que nos dão indicativos das estruturas, materiais destinados ao uso da Educação Física, de como ela procedia e das exigências para participar nas aulas, ela ainda enfatiza a importância, a emoção de voltar ao local onde atuou.

Vejamos o que ela diz:

(...) o material assim, até que tinha material, a gente pegava na coordenadoria na época. Disco, dardo, a gente tinha aqui no Agar (...). Inclusive quem conseguiu foi eu, só que eu acho que não tem mais nada. Peso, isso tudo eu consegui.

Tinha o campo de futebol e ao redor tinha a pista de corrida, não tinha caixa de areia pro salto, nós improvisamos, pedimos areia. Nós fizemos lá onde está o ginásio, a corda, a gente fazia gincana, então a tarefa era trazer corda pra gente ter corda pra fazer os jogos, é o cabo de guerra, aquelas coisas todas, bambolê, a gente pedia mangueira, quem trouxesse o maior número de mangueiras daí a gente fazia os bambolês pra gente poder trabalhar. (...) Os alunos faziam o campo de vôlei, só ouviam falar porque as primeiras televisões que chegaram pra cá foi em 70. A maioria falava em vôlei, então quem podia ter, via alguma coisa, mas não sabia o que era.

Então vôlei a gente conseguiu a bola e a rede, não tinha campo, então eu com os alunos tirei a metragem certinha do campo. (...) os meninos com pá e enxada, fizemos o campo de vôlei com a metragem certinha, as duas balizas pra segurar a rede. Nós improvisamos e aprenderam a jogar vôlei que foi uma maravilha.

Então eu fui ensinando vôlei, ginástica, fazíamos muita ginástica, dança. (...) O uniforme? Ah, tinha um uniforme de Educação Física, não era com qualquer roupa não. Era o uniforme de Educação Física. Uso de calções azul com branco e a camiseta branca, tênis e meia branca.

Pra mim é muito importante na minha vida o dia de hoje sabe por que, porque a gente fica muito feliz de saber que depois de tantos anos... Eu fico até emocionada, vocês me desculpe, a gente volta aonde à gente trabalhou tantos anos, a nossa amizade, reviver tudo aquilo faz com que a gente reviva aqueles momentos bons que ficaram pra trás. É muito importante, vocês podem ter certeza, tantas vezes que vocês

me chamarem aqui pra falar pra vocês do meu tempo, eu sempre estarei aqui sempre pra ajudar. Eu agradeço a lembrança que vocês têm da gente, porque muitos dizem assim: ah, aquela se aposentou porque vim pra cá ainda? Eu fico muito agradecida e muito feliz e nunca vou esquecer. Obrigada.



Figura 12: Ana Claudia, Paloma, Ana Paula, Tatiane - alunas, professora Humor, Orientadora: Mariza Estoele Deboite, Giovani e Cristiano - alunos.
Fonte: SUTIL, C. Arquivo pessoal (2008).

Humor revelou em uma de suas declarações, talvez, aquilo que Josso (2004) denominou de “momentos charneiras” onde ocorrem transformações:

Pra mim é muito importante na minha vida o dia de hoje. Sabe por quê? Porque a gente fica muito feliz de saber que depois de tantos anos... Eu fico até emocionada, vocês me desculpe, a gente volta onde a gente trabalhou tantos anos. A nossa amizade, reviver tudo aquilo faz com que a gente reviva aqueles momentos bons que ficaram pra trás. É muito importante, vocês podem ter certeza, tantas vezes que vocês me chamarem aqui pra falar pra vocês do meu tempo, eu sempre estarei aqui sempre pra ajudar. Eu agradeço a lembrança que vocês têm da gente, porque muitos dizem assim: ah, aquela se aposentou porque vim pra cá ainda? Eu fico muito agradecida e muito feliz e nunca vou esquecer. Obrigada.

4.1.3 - No palco Tear

Nasceu na década de 50, e estudou numa Escola em Ituporanga/SC. Depois de completar a 4ª série, foi morar com a tia em Bom Retiro/SC. Os pais ficaram no interior. Na época existia o *exame de admissão* para o ginásio. Depois fez o Curso Normal e se formou professora de crianças.

A gente fazia de 1ª à 4ª que era o ensino primário e daí fazia o ginásio de 5ª à 8ª série que é hoje, mas na época era ginásio, era 1ª série do ginásio, 2ª série do ginásio, 3ª e 4ª série do ginásio, aí depois eu comecei o Normal que hoje nós chamamos de Magistério. Fiz o Curso Normal também em Bom Retiro na mesma escola, me formei lá em 1973.

No ano seguinte, continuou o estudo na capital. Fez o Curso Normal de Educação Física que tinha um formato semelhante ao curso técnico. O primeiro ano era composto de disciplinas básicas - matemática, língua portuguesa, biologia a partir do segundo ano era específica - ginástica, recreação, esporte sua conclusão habilitava para ser professora de crianças. Tear trouxe o convite de sua formatura com satisfação em ter concluído esse curso



Figura 13: Convite formatura Curso Normal de Educação Física em 1974, trazido pela professora Móbile.

Fonte: Professora Móbile

Em 1974 fui para Florianópolis e fiz o Curso Normal de Educação Física (...) era mesmo como se fosse uma faculdade (...) só não foi registrada como faculdade porque daí logo em seguida começou a faculdade de Educação Física (...) mesmo sendo curso intensivo três anos feitos num só (...) acharam por bem deixar Curso Normal de Educação Física porque (...) não existia a faculdade de Educação Física na UDESC, em Coqueiros, Florianópolis³¹.

³¹ O Centro de Ciências da Saúde e do Esporte - CEFID da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC em Florianópolis tem suas origens no Curso Normal de Educação Física, implantado em 1964 pela Secretaria da Educação. Mantido pelo Governo do Estado até 1968, subordinou-se, logo a seguir, à Fundação Educacional de Santa Catarina - FESC. Desde sua implantação até 1971, o curso desenvolveu suas atividades práticas nas instalações esportivas do Educandário 25 de Novembro, no Bairro Agrônoma - mudando-se depois para o Q.G. da Polícia Militar do Estado na Praça Getúlio Vargas e no Ginásio Charles Edgar Moritz. Simultaneamente, as atividades teóricas se concentravam no Grupo Escolar Arquidiocesano São José e na Escola Superior de Administração e Gerência, no Centro. Em 1972 o curso

Tear ressaltou-nos sobre as questões cívicas, os ensaios da banda, os treinos de marcha, as evoluções de balizas, do corpo coreográfico, como sendo de responsabilidade da Educação Física. Tem recordações desde a época de estudante:

Tenho a foto do tempo em que eu estudava e já desfilava no dia 7 de setembro com o emblema da Educação Física, com uma roupa branca que naquela época a gente usava. Qualquer coisa, qualquer cerimônia que existisse a gente tinha que usar roupa branca, com o símbolo da Educação Física e então os cinco continentes registrados aqui no coração, como eu já tinha essa intenção de ser professora de Educação Física e era um sonho meu, então a gente desfilava assim.

Quando iniciou suas atividades docentes na Escola Agar no ano de 1975 - encontrou algumas resistências por parte dos alunos e precisou administrar a falta de entendimento por parte das mães de alunas que mandavam bilhetes para que suas filhas não praticassem Educação Física. Aos poucos conquistou a confiança das famílias e se sentiu à vontade para responder às curiosidades das meninas.

Existia a divisão de sexos nas aulas. Seu irmão era professor de Educação Física trabalhou na Escola Agar com os meninos. Tear comentou que nesta época as meninas só “pensavam” em vôlei e os meninos: “saíam se quebrando para ir jogar futebol.” Embora existisse essa preferência por esporte nas aulas, Tear se dizia rigorosa, fazia testes de corrida, arremesso do peso, escrevia no quadro e fazia prova escrita de regras. Com as meninas “gostava muito de dançar, fazer ginástica.” Tear agradeceu ao convite para a entrevista:

transferiu todas as suas atividades para o bairro Coqueiros, onde já estavam previstas as instalações para o funcionamento do Curso Superior de Educação Física de SC, que foi oficializado pelo Decreto Federal nº 71.819, de 6 de fevereiro de 1973. O Curso Superior de Educação Física iniciou suas atividades em 10 de abril do mesmo ano. De abril de 1973 a dezembro de 1976 funcionaram na Escola Superior de Educação Física o Curso Normal de Educação Física, o Curso Superior de Educação Física e o Curso Profissionalizante de Educação Física. Em 16 de dezembro de 1976, através do Decreto nº 78.967, o curso de Educação Física foi reconhecido. A partir de 1984, a antiga ESEF passou a se chamar CEFID, formando 43 turmas no curso de Educação Física, até o primeiro semestre de 1996. Decreto nº 78.957 DF 10 de Dezembro de 1976 concede reconhecimento ao curso de Educação Física da Escola Superior de Educação Física, com sede na cidade de Florianópolis, Estado de Santa Catarina.

(...) o que vocês estão fazendo hoje tá me deixando bastante emocionada e me deixando bastante feliz. Eu estou achando muito bonito da parte de vocês, de buscar essa maneira de como foi. Com certeza nós vamos chegar lá também, como está hoje e a perspectiva de vocês também que estão se formando agora, estão chegando no caminho de vocês para o dia de amanhã. Então eu acho assim que vocês estão sendo muito felizes nessa parte de ver o antes e o depois né, gente!

4.1.4 - Móbile: O Recreio e poesia

Foi aluna da Escola Agar de 1^a à 8^a série do ano de 1972 a 1978. Quando era criança diziam que essa escola era assombrada. Pois teria sido construída sobre um antigo cemitério indígena.

Tem lembranças do recreio, das cantigas de roda, das brincadeiras com bola, Gato e o Rato, de “Matar” - queimada, Caçador, Pega-pega, Roda Cutia. Meninas e meninos brincavam juntos.

Nas homenagens cívicas, durante o Hino Nacional os alunos deveriam demonstrar atitudes de respeito. As poesias deveriam estar na “ponta da língua”, *décor*: “Nas homenagens cívicas, a gente tinha que decorar poemas. Uma vez tive que declamar uma que era de Dom João VI eu disse Dom João Vi não sabia os números romanos fiquei envergonhada na frente de todos.”

Na escola existia união entre os alunos. “(...) se algum aluno sujasse limpava, se quebrasse tinha que pagar. Tinha castigos: (comentou com a voz em tom baixo) milho atrás da porta, ficar sem recreio, tirar a Educação Física, ficar sem participar dos jogos”.

Na Educação Física meninos e meninas não faziam aula juntos: “(...) Professor homem para meninos e professora mulher para meninas. A professora Humor foi minha professora na 1^a série”.

Tem lembranças dos esportes, dos jogos, do uniforme obrigatório, dos treinamentos, das corridas e dos arremessos da separação dos sexos. O atletismo foi bastante lembrado através das corridas de revezamento “corrida de bastão” e de velocidade e dos saltos em altura e distância.

Gincanas, torneios. A escola promovia muitos torneios, era uma alegria pra gente participar fora. A gente fazia de tudo pra ser a melhor. Treinei bastante, você se dedicava. A Educação Física era mais prática não tinha preocupação com teoria.

Tinha muita prova prática. O uniforme era bermuda e camiseta sem eles não participava da aula, aí tinha que fazer relatório. Fazia ginástica, salto em distância, arremesso de peso. A gente corria. Tinha que correr vinte voltas na pista (refere-se a um campo gramado atrás da escola) quem conseguisse correr tudo ganhava “10”. Quem corresse a metade ganhava “5”, assim por diante. Pratiquei muito esporte. Joguei handebol, fui goleira de futebol, no vôlei era levantadora, não aprendi a cortar. Nossa, os alunos que jogavam eram excelentes amigos que se defendiam.

A fotografia abaixo retrata a equipe de meninos que jogavam futebol na década de 70.



Figura 14: Time de futebol da Escola Agar em 1973 no Desfile Cívico.
Fonte: Professora Humor.

4.1.4.1 - Um ritual: A formatura

Móbile fez o curso técnico em contabilidade, mas nunca atuou na área. Queria ser cabeleireira, mas como gostava muito de esportes optou por cursar Educação Física na Fundação Universitária Regional de Blumenau. Depois que se formou atuou como professora na Escola Agar no período de 1987 a 1991 e de 1999 a 2002 assumiu como Diretora. Fez especialização em São Paulo. Têm duas filhas, uma é acadêmica de Educação Física.

Compreende a Educação Física sem relacioná-la às questões de rendimento. Para ela é: “Movimento, conhecimento do corpo, alegria, socialização, tudo isso”.

Terminamos essas memórias de professoras compreendendo que a formação envolve uma diversidade de tramas, situações, ações, escolhas,

escutas. Nesse sentido não é possível pensar na formação de professores sem considerar os aspectos que elas apontam como determinantes das suas práticas educativas, ao longo da vida. Os elementos da profissionalização se confundem com o cotidiano, a vida pessoal tudo envolto nas memórias. Portanto falar de formação é também trazer ao palco a própria história articulada com a problemática social, cultural, econômica, política.

Procurando ampliar essa compreensão trazemos na próxima parte as memórias de ex- alun@s, da Escola Agar. Com a intencionalidade de perceber a visão daqueles que viveram o processo de aprendizagem no período estudado.



**PARTE V –
TRAMAS DAS MEMÓRIAS D@S ALUN@S**

PARTE V - TRAMAS DAS MEMÓRIAS D@S ALUN@S

Apresentamos as narrativas das memórias dos ex-alunos e alunas da escola. Por princípios éticos usamos os nomes substituídos por codinomes de: *Aventura, Real, Jasmim, Circo*.

5.1 - Aventura: A primeira turma da escola

Fez seus estudos de primário e ginásio na Escola Agar. Sua turma foi a primeira a concluir a 8ª série do ginásio - atual Ensino Fundamental no ano de 1976. Este fato pode ser considerado um *momento-charneira*, nas palavras de Josso (2004). *Aventura* comenta o acontecimento com muita satisfação, sentia-se bem em estudar na escola, porque a turma de colegas era unida.

Nesta época a escola, era toda de madeira. “Eu não lembro quantas salas (...) mas como nós tínhamos de 1ª à 4ª série no início, eu acredito que devia ter umas quatro ou cinco salas no máximo.” A construção da escola atual foi comentada por *Aventura* que também se lembrou da organização das aulas e dos horários quando a escola foi improvisada em outro local até sua inauguração:

Esse prédio foi construído em 1973 (...). Foi na época então que nós estudamos lá no pavilhão da igreja matriz. (...). Tinha uma parte embaixo, em cima, aliás, na cobertura que era o tipo de um sótão que nós também brincávamos lá durante o recreio, às vezes nós escapávamos do professor e corria lá pra cima. Lembro-me muito bem que a sala de aula lá do pavilhão era os bancos do pavilhão que nós usávamos, não era carteira. Então a gente corria, às vezes por um banco por cima do outro. Minha professora na época era a Dona Olga e nós tínhamos um horário intercalado. O que era intercalado: como se estava construindo a escola aqui e era poucas salas lá, era o salão. Então tinha uma turma que tinha aula das 8h até as 11h e outra das 11h às 14h e depois outra turma. Eram 3 horários pra poder dá conta de todo pessoal.

As brincadeiras do recreio que marcaram a infância de *Aventura* na época de estudante, foi *soldado fugido* (mesma brincadeira de bicho), rolar no barranco gramado do pátio da escola. Inclusive recordou-se de um fato

acontecido com uma colega de sua turma: “(...) numa dessas brincadeiras de pega-pega (...) uma das meninas que estudava conosco (...) na correria eles se bateram e ela quebrou a perna.”

5.1.1 - Muitas lembranças

Foi no ano de 1973 que a Educação Física começou a integrar o currículo da Escola Agar na primeira turma de 5ª série. Aventura era uma aluna desta e lembrou-se da professora a partir do episódio:

(...) uma das minhas professoras foi a Dona Tear que vocês entrevistaram (...). A letra da Tear é um pouquinho meia desajeitado igual a minha (...). Escrevia no quadro e a gente também tinha que tentar interpretar igual quando eu dou aula pra vocês, tem que interpretar o que eu escrevo porque é difícil a letra.

Na Educação Física era a escola exigia uniforme - calção e camiseta. Estes foram comentários da ex-professora Tear e do ex-aluno Aventura. Algumas colegas que estudavam com Aventura se recusam em usá-lo:

Existia uniforme sim, e se vocês olharem a foto nossa de formatura lá da turma de 1976, existia uniforme e também existia aluno rebelde igual agora que não queria usar. Lá prova muito bem que tinha só duas alunas que não usaram uniforme no dia da foto da formatura e que também não queriam usar em sala de aula, o restante todo mundo usava. (...) era recomendado vim de tênis, a gente vinha, a gente cumpria, vinha de calção naquele dia. Trocava às vezes (...). Então trazia meu uniforme.

As aulas de Educação Física eram realizadas dentro da sala, no pátio coberto que antes era um piso bruto e também na *quadra* - este local anteriormente era o campo gramado. Aventura diz que atualmente os alunos e alunas fazem somente aquilo que querem na Educação Física, ou seja, o que gostam. Na sua época o professor cumpria seu programa e todos faziam o que era proposto. Ainda expressa que:

Difícilmente alguém se recusaria por um fator muito ponderado (...) os pais não passavam a mão na cabeça do aluno por qualquer coisa. Se o sujeito não fizesse e ainda fosse reclamar do professor ele ia pro puxão de orelha, ia pra vara ainda. Então era diferente (...). Naquela época o professor não estava

errado, nós estávamos errados e realmente nós víamos aqui para estudar (...).

Aventura expressa em suas narrativas das memórias que não percebe diferenças nos conteúdos, nos assuntos, na prática esportiva que continua existindo fala que: “Talvez surja uma regra diferente no vôlei, no futebol, em outras... mas, continua existindo o vôlei, o futsal, a gente continua brincando de peteca, de corda, pular corda. Então continua, é salto em altura... tudo continua os mesmos”.

No que se refere às avaliações em sua época de estudante de Educação Física, *Aventura* lembra-se que havia:

Prova de matéria passada no quadro, os exercícios que nós fazíamos lá fora. Na verdade, nós tínhamos que correr, nós tínhamos que pular, nós tínhamos que fazer atividades físicas, como se diz: ginástica, igual qualquer outra escola a gente fazia, então era avaliado por ali, a participação do aluno.

Enfatiza em suas memórias que: “(...) no geral a Educação Física me proporcionou muitos conhecimentos (...) desde a participação esportiva e também no dia-a-dia (...). Pode ter certeza que ajudou a formar as outras disciplinas que eu aprendi. Uma sozinha não é nada, assim como a gente sozinha não faz nada, então pode ter certeza que ela ajudou bastante.”

Ainda *Aventura* considera a Educação Física importante por que: “Faz com que você mova teu corpo, você veja (...) as tuas especialidades, faz com que você não só haja com o corpo, como se diz, mas com a mente também. (...). Como pessoas nós temos que unir a mente, o corpo, o lado físico, emocional e tenho certeza que a Educação Física faz isso conosco (...)”

5.1.2 - Escolhas da profissão

No 2º Grau - atual Ensino Médio fez o Curso de Contabilidade que tinha uma extensão dos cursos da cidade de Lages/SC. Atuou nesta área durante dez anos em uma fábrica expressa: “(...) iniciei com dezesseis anos (...) entrei como aprendiz industrial, fiz estágio como eletricista, fui para o controle de qualidade (...).Trabalhei em recebimento de materiais e depois na contabilidade (...).

O seu desejo desde criança era o de ser professora. Fez o Curso Superior de Ciências Sociais e Pós-Graduação nas Séries Iniciais na Universidade do Planalto Catarinense. “(...) iniciei no “ED” trabalhava de noite. Lecionei História, Geografia, Ensino Religioso, Filosofia e no “Agar” eu estou desde o ano 2000 quando me efetivei (...)”.

5.2 - No palco, Real

Nasceu em 1979. Conta que aprendeu a ser humilde estudando no Agar. As pessoas eram muito próximas e não existia exclusão social. Sua passagem pela escola ocorreu de 1985 a 1992 quando foi aluna de 1ª a 8ª série. cursou o Magistério na cidade de Lages. Fez a Faculdade de Pedagogia. Tem especialização nas Séries Iniciais e Educação Infantil. É professora de uma 1ª série no período vespertino. É casada e tem dois filhos que estudam na Escola Agar.

Sobre a Escola Agar lembra-se que:

A escola não mudou muito não, a única coisa que tem de diferente é o ginásio, o salão era todo aberto, mas as salas são do mesmo jeito. Deixe eu me lembrar... Naquela época já era assim de material. As carteiras eram diferentes, era umas assim de braçinho, de madeira, mas tinha umas bem inclinadas de dois lugares algumas (...). As salas tinham carteiras diferentes, sabe. As cores, azul. Se eu não me engano (...). Azul com branco. Cinza era depois quando eu já tava terminando. Foi feito uma reforma mais ou menos eu tava na 7ª série. Da 1ª série até a 7ª série nunca foi feito reforma.

Foi na década de 80 que essa escola começou a marcar presença nos Jogos Escolares de Otacílio Costa *JEIOC* promovidos pela Prefeitura Municipal. *Algumas frases nos mostram os ensinamentos ocorridos nesses espaços. Vejamos:* “(...) Foi aqui que eu aprendi a ler. Eu demorei gente, mas aprendi a jogar vôlei (...) na época dos joguinhos na 7ª série foi quando eu aprendi que me colocaram para jogar, porque antes eu não sabia jogar nada, não conseguia e nós tiramos 1º e 2º lugar. Handebol, vôlei, aquele tal de basquete não, eu aprendi só lá em Lages (...)”.

A inserção da escola neste evento fez com que a Educação Física se tornasse mais diversificada: Fragmentos das memórias indicam o que acontecia: “(...) nós fazíamos muita corrida, salto em distância, salto em altura porque existiam uns joguinhos naquela época e a gente sempre participava. Tinha jogos na escola também, que a gente fazia sempre, tinha as olimpíadas (...)”.

5.2.1 - Marcas da Educação Física

Real lembra-se que as meninas ficavam separadas dos meninos e que realizavam atividades em locais diferentes. Expressa que:

Ah, a Educação Física era assim: dependia o ano, deixa eu me lembrar bem. Nós meninas íamos pra um lado brincar de alguma coisa ou ginástica ou de matar ou jogar vôlei de areia, que tinha uma quadra de areia aqui atrás e os meninos iam lá pra quadra jogar futebol. (...) depois a professora de ginástica dava ginástica pra nós e os meninos ficavam jogando futebol. Que eu me lembre os meninos nunca participaram da ginástica e as meninas nunca participaram do futebol. Tiveram uma professora, que eu não vou falar o nome, que ela passou ginástica o ano todo e futebol pros meninos ao ano todo. Futebol para os meninos e ginástica para as meninas, (...). Depois um tempo mudou daí a gente tinha que fazer umas quadras no caderno ou fazer em maquetes e entregar as quadras (...) essa época eu gostava porque eu gosto muito de mexer com desenho, essas coisas.

Sobre os ensinamentos e aprendizados que a Educação Física proporcionou em sua vida, a professora ressaltou que:

Eu acho assim minha timidez foi a Educação Física que tirou. Eu era muito tímida e sou ainda em determinados momentos. (...), mas a Educação Física me ensinou muito a tirar isso. Colocar minha timidez no teatro, eu adoro contar histórias, então não sei como eu conto histórias, se é legal ou não, mas eu gosto de contar histórias. De cantar, não cantar música igual vocês cantam, é música de criancinha. Então eu tirei muito e isso tudo faz parte da Educação Física.

Sobre a avaliação Real diz que as notas na Educação Física eram atribuídas conforme as habilidades físicas. Um dos critérios era o interesse em participar das aulas onde era levado em consideração:

Aquele que sabia jogar bem futebol, aquele que marcava bastante gol tirava 10. Aquele que corria, corria e sempre era driblado, coitado tirava nota baixa. (...) eu só não tirava menos que sete na Educação Física porque eu era comportada, mas se fosse analisar a minha ginástica... Era baseado nisso, não era se a pessoa participava mesmo, se queria participar. Era na habilidade que ela dava a nota e não na participação da pessoa.

As afirmativas da professora mostram a Educação Física pautada pelo rendimento, traço preponderante nos anos setenta, com marcas nas décadas seguintes, o que nos faz refletir sobre o peso da formação militarista muito forte na gênese da Educação Física, como campo curricular.

5.3. - Em cena, Jasmim

Jasmim fez seus estudos de 1ª à 7ª série na Escola Agar de 1985 ao início dos anos 90. Casou-se aos 15 anos de idade, ficou sem estudar por algum tempo. Teve um filho mais tarde e incentivada pelo esposo continuou os estudos concluindo através do Ensino Supletivo a 8ª série e do 1º ao 3º ano do 2º Grau. Entrou para o Ensino Superior licenciando-se em Matemática.

Fala que gostava de estudar na Escola Agar porque quase todas as pessoas de sua família estudaram lá porque era perto de sua casa, fez amigos, os professores eram bons, a escola era legal, grande e alegre. Sua fala foi parecida a de Real e Circo que disseram ser muito difícil alguém que morasse no bairro ou nas proximidades à escola se matricular em outra instituição.

Recorda-se que no recreio, ficava junto às amigas, à sombra de um pinheiro Araucária para fazer piquenique e que tem saudades daquele tempo:

[...] a gente se reunia, trazia o lanche, colocava uma toalha e praticamente todo dia a gente fazia um piquenique em baixo daquele pinheiro. A escola é o melhor tempo da vida da gente que a gente vai ter saudade do amigo [...] do menino que a gente achava bonito, do bilhetinho que você recebeu da amiga ou do amigo [...].

5.3.1 - Lembranças da Educação Física

No ginásio foi traumática. Essas lembranças reportaram-me ao texto que integra o volume Sete dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's (1997, p.15). Lá encontrei uma situação semelhante à expressa pela entrevistada que disse:

Para boa parte das pessoas que freqüentaram a escola, a lembrança das aulas de Educação Física é marcante: para alguns, uma experiência prazerosa, de sucesso, de muitas vitórias; para outros, um memória amarga, de sensação de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar (...).

Atribuí este desgosto à Educação Física à figura do professor que não tinha formação na área e a sua estrutura corporal pequena que não lhe permitia praticar o esporte:

[...] não tínhamos o privilegio que vocês têm hoje de ter um professor qualificado que estuda que sabe o que é uma aula de Educação Física. Quem me deu aula de Educação Física foi o professor "F" que vocês devem conhecer. Ele mora pertinho da escola, ele tem aproximadamente 1m e 80, enorme. Eu era bem pequeninha, eu já não gostava. [...] eu tenho trauma de vôlei até hoje porque era um sacrifício né. [...] pra mim era um trauma ter aula de Educação Física porque eu lembrava que tinha aquele enorme daquele professor que ia jogar vôlei, normalmente no time dos meninos, contra as meninas e ai você saía de lá com um braço roxo, era bem complicado.

Jasmim disse que os alunos na sua época não eram tão rebeldes como são os de hoje e que o comportamento na escola não era problema. Lembra-se da falta de local adequado para a Educação Física e da separação entre meninas e meninos. Sua percepção também fez referências às atividades e os materiais distribuídos de maneira diferente nas aulas. Indica que:

[...] você até podia não praticar a atividade física ou outras atividades que nós tínhamos fora da sala de aula, mas nenhum professor encontrava problema de comportamento como a gente tem hoje. Na aula de Educação Física nós não tínhamos o [...] ginásio [...] se eu não me engano foi na 7ª série que teve aquela quadra, não tinha um espaço, [...] então o que acontecia em algum lugar você jogava vôlei, em algum lugar os meninos jogavam futebol.

5.3.2 - Primário e Ginásio

No primário Jasmim disse que as aulas de Educação Física foram diferentes daquelas que teve no Ginásio – na atualidade séries final do Ensino Fundamental. Enfatiza em sua fala que:

[...] no primário o professor fazia mais ou menos o que tem hoje, tem aquelas cantigas de roda, tinha brincadeiras, tinha desafio [...] hoje não tem mais, mas quando eu estudava era menino contra menina, sempre, não era misto. As meninas ganhavam dos meninos - nas musiquinhas porque no tempo que eu estudava não existia o que tem hoje que são as creches que você vai lá, você brinca, aprende musiquinhas, você faz uma coisa ou outra, era na aula de Educação Física que nós fazíamos isso. A gente brincava de passar o anel, pular corda, cantiga de roda, de rimas, versos, era uma aula de Educação Física bem diferente do que eu tive de 5^a à 8^a.

No primário o professor estava mais presente com os alunos e havia maior descontração nas brincadeiras. No ginásio os alunos ficavam mais a vontade ou sem orientação:

[...] alguns professores, te davam uma bola e iam junto contigo e eu tive professores que te davam uma bola e você fazia o que queria [...] jogar, jogava. Só que todos tinham que fazer alguma coisa. De 5^a à 8^a, era mais dispersa (a aula) não tinha um professor orientando o que você ia fazer. Eu nunca estudei regra, por exemplo, de vôlei, um caderno de Educação Física com regras, ele só dizia “agora roda”, mas ninguém falou porque rodávamos [...].

5.3.3 - Tempos: Épocas diferentes

Percebe diferenças na qualificação dos professores, que procuram trabalhar o “todo”. No entanto, sua concepção traz a dualidade de corpo e mente sendo trabalhados: - “[...] eles trabalham desde a mente, que [...] não é só pegar uma bola e sair jogando [...]. Educação Física é trabalhar corpo e mente [...]

Em outro momento da entrevista disse que a Educação Física lhe proporcionou “trabalhar em grupo, aprender que nem sempre se ganha, a dividir responsabilidades” e é importante na vida por que:

Primeiro porque toda atividade que envolve pessoas reunidas, eu acho que ela trabalha caráter, [...] se você ver um atleta que é preparado ele tem um bom caráter, ele tem disciplina e a Educação Física te ensina isso, ensina a ter disciplina, a ganhar e a perder, a dividir, a contribuir no grupo, a colaborar com o grupo. É isso, nas outras disciplinas não é fácil de ser trabalhado como é na Educação Física, então ela é bem importante pra isso, pra formar o cidadão com caráter, o cidadão que vai pra sociedade saber participar ativamente. A Educação Física é fundamental pra isso.

Ainda complementa que os professores de Educação Física de hoje trabalham:

[...] conteúdos, desenvolvem a questão da disciplina, do relacionamento [...] o ganhar e o perder, o dividir, o trabalho em equipe, se tinha (fazendo uma analogia à sua época) não era uma coisa explícita eu não conseguia perceber isso e hoje tem uma finalidade, coisa que ela não tinha.

A professora percebe as mudanças nas “rotas” que o campo da Educação Física vem tecendo ao longo das décadas. Suas falas indicam uma multiplicidade de práticas e de compreensões da educação física escolar.

5.4 – Narrativas de Circo

Expressa que iniciou sua vida estudantil na Escola Agar com cinco anos de idade, no ano de 1975. Fez a Pré-escola e seguiu seus estudos até o ano de 1983 concluindo a 8ª série.

Lembra-se que a escola era muito querida pela comunidade. Dá indicativos das mudanças ocorridas:

(...) é muito bonita a história. A escola era uma escola alegre (...) nós tínhamos uma turma grande. Essa sala aqui (referindo-se a sala da entrevista) não existia (...) deve ter uns dez anos. O muro continua igual. Essa parte da direção ali em cima também, do pré, da sala de vídeo não existia. O ginásio de esportes não existia, é claro, aqui essa parte da cozinha também era diferente, era aberto. O pátio coberto também não existia, não era coberto

era só o piso, não tinha palco, essas coisas, nada. Nós brincávamos ali, os lanches também eram feitos ali, a cozinha sempre foi ali (...).

Quando criança morava com seus pais e seus dois irmãos a poucos metros de distância da escola em uma casa de madeira. Uma vez fugiu da aula com uma amiga, entraram em um tonel de plástico cortado no formato de uma canoa, desceram o morro parando dentro de um riozinho. Gostava de brincar de se escorregar. Essa brincadeira de escorregar-se no morro parece ser comum na escola, e também foi lembrada por *Aventura*. Outras recordações incluem as festas de São João na escola que eram muito tradicionais na comunidade:

Nós tínhamos a fogueira (...) era feita aqui atrás e também lá do outro lado onde é a nossa cancha (...) agora é proibido, não se pode mais por causa da questão ecológica e o pátio que não era coberto, era feito a festa aqui. Então atraía muitas pessoas do povoado. Nós tínhamos conjunto, sanfona, essas coisas, tudo. Era muito animado.

São lembranças que foram narradas nas entrevistas que vão apontando os tempos passados, como indicativos para compreender o presente e delinear o futuro, portanto, uma memória em movimento.

5.4.1 - Duas marcas: Professor, competição

Lembra-se de dois momentos distintos: a figura do professor e as competições esportivas que aconteciam no *ginásio*. Assim, rememora esses tempos:

(...) ele sempre usava um apito, isso eu lembro, usava sempre o apito escolar e quando tocava o apito a gente tinha que ir perto do professor para explicar o que era pra fazer, então era bem técnico mesmo, bem técnico. A gente aprendia todas as posições do vôlei, do futebol, também a gente jogava, as meninas jogavam muito futebol. O Agar competia muito no futebol feminino na nossa época. Basquete nós não tínhamos, não conhecia nem bola de basquete, não tinha como jogar, não tinha quadra, era só mais vôlei, futebol e brincadeira de corrida.

Portanto, vemos acima marcas na presença do professor, da técnica, da competição, do trinar do apito anunciando as quebras da regras do “jogo”. Das meninas rompendo, se impondo no jogo de futebol, construindo outras marcas nessa cultura, trazendo delineando outras memórias nos corpos femininos.

5.4.2 - Educação Física: Primário e Ginásio

Circo fala que havia diferenças nas aulas que teve no *primário* para aquelas do ginásio. As diferenças estavam nas atividades desenvolvidas e nas exigências do professor na realização dos exercícios.

Ao fazer este comentário deu a entender que as diferenças estavam associadas à falta de habilitação do profissional.

Nós tínhamos aulas no sábado porque ela estudava na época, até o meio dia, Educação Religiosa também eram no sábado, Artes, era diferente. (...) nossas aulas de Educação Física com ela (referindo-se à professora) eram mais relaxadas talvez porque ela não fosse da área então a gente podia brincar trazer brinquedo, podia fazer o que quisesse e já com outros a gente tinha que seguir o que eles falavam.

Aqui surgiu uma contradição, a professora referida acima estava habilitada no Curso de Magistério em Educação Física desde 1977 e Circo foi sua aluna na 4ª série no ano de 1979. Neste aconteceu comemoração do Ano Internacional da Criança, que marcou muito a sua infância, pois foram competir na modalidade de vôlei em outro bairro do município. Também existiam as brincadeiras, nas aulas de Educação Física. Esses fatos foram importantes para Circo:

Mas vocês gostam de lembranças, né (...). Então essa lembrança de 1979, nós jogamos em outra escola, foi lá onde é o ginásio de esporte agora. Então tinha só uma quadra e nós fizemos o campeonato lá, jogamos vôlei, teve competição de atletismo. O Agar sempre foi campeão no atletismo, em corrida, salto. Nós tínhamos outras atividades também, naquele tempo se jogava muita quilica, então nós brincávamos muito de quilica também. Foi um fato muito alegre (...) a gente nunca saía pra competir com outras escolas então nós fizemos um time de vôlei e fomos jogar (...). Foi muito emocionante (...).

5.4.3 - Testes: Resistências...

Lembrou-se dos nomes de todas as professoras e professores que teve na Escola Agar, porém destacou: “De quem eu mais recordo é do professor de Educação Física da época”.

As características das aulas comentadas remetem aos aspectos técnicos e competitivos do esporte:

A Educação Física ela era militarista, nós tínhamos testes de resistência que era chamado assim, então nós tínhamos que fazer assim, toda a turma. A nossa nota era fazer flexões, polichinelo é bem militarista, bem tipo exército mesmo, então quem fizesse mais ganhava mais ponto. Nós no outro dia estávamos mortos, era uma tristeza correr, fazer corrida, ficar correndo, nós tinha a pista ali em volta do campo. (...) E nessa pista ocorriam os testes de resistência, então a cada semestre, final de bimestre eram feitos esses testes. Então a professora chamava um por um, quando era corrida eram todos sabe, então ganhava e ganhava mais ponto quem... E também nós tínhamos assim prêmios de melhor aluno, medalhas, nos tínhamos objetos como presentes no final do bimestre quem fosse o melhor aluno ganhava uma aquarela, por exemplo, ganhava um caderno bonito...

As notas bimestrais lançadas no boletim eram resultado dos testes físicos. Na avaliação prevalecia à quantidade dos exercícios realizados, talvez a participação dos alunos. O mesmo comentário foi feito pela ex-professora Móbile, quando foi aluna da Escola Agar.

(...) façam assim (professor demonstrava), quantidade “x” e marcavam os minutos do polichinelo e tinha que fazer, quanto mais fizesse mais pontos ganhava. É claro que o professor sempre colocaria uma nota pela participação também que tinha, deveria ter, eu acho que eles colocavam, mas era mais assim. As nossas notas de Educação Física eram sempre 9, 10, 8 nunca baixou.

5.4.4 - Na Escola Agar

No 2º Grau fez dois cursos na cidade de Lages. Magistério em Educação Física e Técnico em Processamentos de Dados. Em 1982 enquanto

fazia o Magistério teve a primeira experiência como professora de Educação Física e uma escola particular em Lages.

Em 1987 substituiu uma professora de 1ª série por três meses, na Escola Agar e também trabalhou com contrato temporário em outras escolas e veio a se efetivar no ano de 2002 nesta escola.

Durante a entrevista Circo enquanto professora de Educação Física fez diferentes recomendações às meninas e aos meninos: “As meninas têm que fazer caminhadas no final da tarde, os meninos sempre que possível jogarem com os amigos, saberem a necessidade do bom aquecimento, do alongamento.”

A importância da Educação Física para ela está relacionada aos benefícios da atividade física regular, da qualidade de vida e da saúde mostra em sua fala que:

Ah, a Educação Física hoje ela é voltada mais para área da saúde, mais pela qualidade de vida e nós se não tivermos uma boa qualidade de vida, nós não poderemos ser indivíduos saudáveis, não poderemos trabalhar e namorar. Então nós temos que ter hábitos saudáveis que são transmitidos em todas as disciplinas, mas é a Educação Física ela está mais voltada. (...)

Ainda deixou uma sugestão para os alunos da 8ª série que participaram das entrevistas:

Esse conteúdo que vocês estão trabalhando de resgate é muito importante na área social, vocês estão indo pelo caminho social, é um resgate muito bonito. Esse resgate tem que ser... Eu não sei qual que é o final de tudo isso, mas eu espero que vocês passem para a comunidade, toda essa pesquisa e que façam o acervo que fique na escola e que outras crianças, outros alunos que venham, até podem ser os filhos de vocês tenham acesso a essa pesquisa. Vocês trabalhem mais na área social, vocês têm um potencial grande que podem trabalhar.

Enfatiza que a Educação Física no contexto atual precisa se preocupar com a alimentação, com a atividade física, a respiração, a ecologia também: “Por que se não tivermos um bom oxigênio como vamos respirar, como vamos ter uma boa qualidade de vida. (...) A Educação Física deve estar voltada a isso, à saúde, à qualidade de vida do indivíduo e também assim eu vejo a

necessidade de brincadeiras mais antigas, esse resgate antigo de brincadeiras (...)

As ex-alun@s da Escola tiveram percursos semelhantes e trazem para nossa reflexão alguns temas importantes: a diversidade de práticas, o vínculo e a importância da escola para a comunidade, a relação entre professores e alunos como um espaço significativo na educação, a competição como marca indelével do ensino de educação física escolar.

No próximo momento tentaremos retomar os achados da pesquisa e as aprendizagens que fizemos no processo. É a síntese da investigação.



CONCLUSÃO

**CAPTURANDO AS APRENDIZAGENS NOS CAMINHOS
DAS MEMÓRIAS**

CONCLUSÃO - CAPTURANDO AS APRENDIZAGENS NOS CAMINHOS DAS MEMÓRIAS

Começaremos com a poesia – Outros Olhos de Falcão que nos seduz a fazermos outras ‘viagens’, ‘outros olhares’ capazes ao tecer a captura da trama das memórias, das histórias, dos tempos, daqueles/as que fazem e fizeram a escola com uma polifonia de jeitos de pensar e ser vida como poetisa a autora: “Tem hora que o melhor que se pode fazer é ver as coisas com outros olhos”, por que não seguir o anúncio da epigrafe do titulo desta escrita “O tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos...”.

Ainda, noutros fragmentos expressa que:

No fundo de cada cabeça devem existir outros olhos, uns olhos que enxergam para dentro, e provavelmente são eles que vêem as imaginações, as reminiscências, os sonhos, as idéias, as doidices que a gente pensa. [...] Quem manda nos olhos de dentro? Será um Deus? Um louco? Um desenhista? Um escritor? Um diretor de cinema? Será o desejo da gente? Há quem diga que é o inconsciente. Há quem pense que é o por acaso. (...) Tem hora que o melhor que se pode fazer é ver as coisas com outros olhos.

...

Já Saramago (2005) – em Ensaio sobre a Cegueira afirma que: o tempo é o parceiro que está a jogar do outro lado da mesa, e tem na mão todas as cartas do baralho, a nós compete-nos inventar os encartes com a vida. Portanto, aqui neste fechar das cortinas vamos re-criar, re-inventar os encartes anunciados, nas nossas trajetórias e daqueles e daquelas que foram os atores reais e voltaram aos seus “antigos palcos” para re-encenar “tempos passados, vividos” nas entrevistas-conversas, nas fotografias, nas conversas registradas e partejadas por mim e os jovens meninos e meninas da Escola Agar.

Hoje fazendo uma reflexão das entrevistas-conversas realizadas com as ex-professoras e os ex-alunos da Escola Agar que foi um espaço provocador em nosso processo para que recordasse as aulas de Educação Física que tivemos no Ensino Básico e no segundo Grau na Escola “Santa Helena” de 1985 a 1992.

Nesta perspectiva, o contar pode ser considerado uma narrativa das memórias onde aquele e aquela que conta cria e recria situações e experiências particulares, acompanhadas e partilhadas na coletividade, que se

constituiu na presença, com a ajuda e a influência de muitas pessoas queridas e amadas que contribuíram nas trajetórias vida.

Josso, (2004) mostra que a escrita narrativa é interessante porque nos coloca em contato com as nossas “recordações-referências” possibilitando-nos o conhecimento dos “momentos de charneira” àqueles que foram realmente significativos.

Não se objetivou com as narrativas simplesmente recordar lembranças e descrever fatos particulares, mas partilhar histórias que contribuíram para a reflexão individual e coletiva das professoras e alunos e alunas.

Nas trajetórias escolares, Josso (2004, p. 64) sinaliza que: “[...] um primeiro desbravar dos períodos significativos do percurso de vida de cada um e dos momentos charneira [...]” compreendido como: “(...) aqueles que apresentam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer ‘Charneira’ é uma dobradiça, algo que, portanto, faz parte de uma articulação”.

Consideramos que os momentos-charneira mais significativos em minha formação pessoal e profissional se constituíram através das brincadeiras, do esporte escolar, da poesia e do teatro, do magistério e do Curso em Educação Física. Portanto, aqui apresentamos uma síntese provisória para que os possíveis leitores e leitoras possam se situar no tempo e espaço vividos e agora rememorados.

Assim, alguns fragmentos dessas recordações-referências são aqui expressos como motores para recordar momentos esquecidos.

A primeira escola era de madeira, tinha degraus para entrar nas salas de aula. Quando estávamos na 3ª série começou a reforma geral e construção de alvenaria. Nossas aulas de Educação Física eram realizadas no pátio, na época com pedrinha brita, também brincávamos em um campinho gramado em frente à escola, mais tarde construíram a quadra de cimento. A quadra coberta veio depois que já havia terminado a 8ª série.

As lembranças das professoras Claurizete, Joara e Jussara e do professor Gustavo. Não havia separação na turma, a mesma professora ou professor trabalhava com meninos e meninas juntos.

Não tínhamos um uniforme especial para as aulas de Educação Física, usávamos o que era fornecido pela prefeitura municipal de Lages. Até a 4ª

série o uniforme consistia em calça e jaqueta azul marinho e camiseta branca. A partir da 5ª série a escola adotou um modelo próprio com as cores vermelha e preta.

As aulas do Ensino Básico envolviam brincadeiras (bola ao túnel, queimada, dez passes, alerta), pique bandeira, cantiga de roda, corrida do saco, pular corda, dança e “estafetas” que consistiam em mini-competições em grupo.

Temos nítido na lembrança que as professoras diziam: *Vamos ver quem consegue fazer mais rápido, quem consegue chegar ou terminar primeiro a corrida?* Quando ficávamos na sala tinha brincadeira de completar o rabo do gato, tiro ao alvo e estafetas de passar objetos em pé ou sentados na cadeira.

No Ensino Secundário a iniciação esportiva, as corridas de revezamento, os saltos em altura e distância, os jogos de vôlei e o handebol. As gincanas e os torneios interclasses eram sempre muito aguardados. Os joguinhos municipais e o festival de dança que aconteciam anualmente alegravam-me, porque tínhamos a oportunidade de jogar na quadra coberta e competir com outras escolas, passear de ônibus, comer lanche especial e cantarolar com a torcida da arquibancada organizada.

Das aulas de ginástica e dos exercícios físicos cobrados pela professora que anotava tudo. O polichinelo, o canguru (apoiar as mãos no chão esticar as pernas para trás e voltar), abdominais. Como gostava muito de se movimentar ficava ansiosa por estas aulas que eram realizadas uma vez por mês. Outra situação que me recordo é que a professora nos levava ao posto de saúde (em frente à escola) para nos pesar e nos medir. Não entendia muito bem porque isso acontecia, mas acreditava que era para que a professora acompanhasse nosso crescimento.

As entrevistas-conversas realizadas com ex-professoras e ex-alunos permitiram-me conhecer as marcas significativas da Educação Física na Escola Agar no período que compreendeu as décadas de 1970 a 1990. Nesta perspectiva foi possível estabelecer relações contextuais com as origens e as tendências pedagógicas que marcaram a história da Educação Física brasileira.

Eis alguns desses momentos históricos apontam que: Na década de 70 a ditadura militar, exerceu forte influência nas instituições educacionais. Foi

nesta época que o esporte entrou em cena e passou a ter destaque nas aulas de Educação Física priorizando a técnica e a padronização de movimentos com o objetivo de detectar novos talentos esportivos, selecionar e formar equipes, o sonho olímpico pairava no ar.

Em 1971 o governo brasileiro editou o Decreto nº 69.450 em 1/11/1971, o qual obrigava a Educação Física em todos os graus de ensino.

Os movimentos que se destacaram na década de 1970 e influenciaram a Educação Física brasileira foram: a criação de laboratórios com ênfase nos aspectos fisiológicos e biológicos; o começo da capacitação nos cursos de Pós - Graduação - Estados Unidos e Europa, em programas de doutoramento e no final da década de 70 na Universidade de São Paulo em nível de mestrado; os exames biométricos passaram a fazer parte da Educação Física; o surgimento do movimento renovador que contestava o viés biológico da Educação Física; o Esporte-Educação como manifestação do Esporte.

A partir de 1985 iniciou a discussão dos rumos do esporte no meio educacional e a criação de leis de incentivo ao esporte.

Na escola Agar a Educação Física iniciou no ano de 1973, tendo a professora *Humor* como pioneira. Algumas recordações-referências foram às atividades desenvolvidas pela professora normalista eram os jogos de vôlei, piqueniques com as turmas, corridas e saltos.

Já a professora *Tear* foi possível perceber que a função cívica esteve presente. Desenvolvia ginástica, corridas, saltos e jogos de vôlei.

As questões cívicas como saber cantar o Hino Nacional, ficar na posição de sentido eram cobradas pelos professores de Educação Física que tinham a função de ensaiar a marcha para o Desfile do dia 7 de setembro, o corpo coreográfico com evoluções de balizas e a banda. Isso foi ressaltado pelas professoras *Humor* e *Tear* que atuaram no início da década de 70.

No ano de 1977 a professora *Sorriso* concluiu o curso de quatro anos de Magistério em Educação Física em Lages/SC que habilitava ao ensino de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Já esta professora se utilizava das cantigas de roda, brincadeiras recreativas, destacando as partes da aula que aprendeu no curso: aquecimento, desenvolvimento - parte principal e a volta à calma.

A professora Móbile fez o curso de Ensino Superior na Faculdade Regional de Blumenau na década de 80. Respectivamente as professoras *Sorriso e Móbile* lembraram-se dos testes físicos quando foram alunas nesta época: “A gente ficava uma semana toda doída. Em um minuto tinha que fazer o maior número de abdominal hoje eu sei por que a gente ficava assim, não fazia aquecimento” (Sorriso). “Quanto mais exercício fizesse, melhor seria a nota” “A gente ficava uma semana toda doída. Em um minuto tinha que fazer o maior número de abdominal hoje eu sei por que a gente ficava assim, não fazia aquecimento”. (Móbile).

Foi possível perceber que na década de 70 e 80 os aspectos competitivos foram demasiadamente valorizados. Havia os testes de resistência onde a ênfase estava na *aptidão física*, a constituição das aulas estavam pautadas na execução de *exercícios* cobrados pelo menos uma vez ao mês.

O principal critério avaliativo era a participação prática relacionada à quantidade de exercícios. Alguns materiais, como por exemplo, bolas de vôlei, de futebol e peso do atletismo foram se tornando disponíveis aos professores para o desenvolvimento de técnicas visando o rendimento no esporte e não os aspectos sócio-educativos.

Os esportes coletivos mais praticados na Escola Agar neste período foram o futebol e o vôlei. O atletismo foi lembrado nas entrevistas através das corridas de velocidade, de revezamento, dos saltos em distância e altura e dos arremessos de peso pelas professoras Humor, Tear, Móbile. As regras eram cobradas em prova escrita.

A ginástica também foi conteúdo na Escola Agar na Década de 70, porém não muito apreciado pelos meninos que preferiam jogar futebol. Tear comentou que nesta época as meninas só “pensavam” em vôlei e os meninos: “saíam se quebrando para ir jogar futebol”.

Existia a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. O professor do sexo masculino trabalhava com os meninos e a professora do sexo feminino trabalhava com as meninas.

O uniforme exigido para a realização das aulas de Educação Física era composto por calção azul e camiseta branca, tênis e meias brancas. Os alunos

que não estivessem vestidos assim não participavam da parte prática e precisavam fazer o relatório escrito.

O cenário brasileiro da Educação Física na década de 70 se pautou principalmente nos aspectos técnicos e biológicos influenciados pelas tendências militaristas, médicas, fisiológicas e pelo esporte de rendimento. Isto foi pauta de estudo de vários autores.

As tendências militaristas foram percebidas pela ex-aluna Circo. Os alunos deveriam executar a quantidade de exercícios físicos estipulados pela professora, quem conseguisse realizá-los receberia a melhor nota na Educação Física. Assim, ela se expressa:

A Educação Física ela era militarista, nós tínhamos testes de resistência que era chamado assim, então nós tínhamos que fazer assim, toda a turma. A nossa nota era fazer flexões, polichinelo é bem militarista, bem tipo exército mesmo, então quem fizesse mais ganhava mais ponto.

Juntamente a tendência militarista as questões cívicas eram muito cobradas e a Educação Física tinha a responsabilidade de marcar presença em uma das falas da ex-professora Humor que indica que:

Quando eu cheguei aqui não existia professor de Educação Física. Na época, de manhã eu trabalhava com o primário, às vezes eu variava um ano eu pegava a 2ª série e no outro a 4ª. Foram as turmas que eu mais trabalhei e no outro período eu dava Educação Física para o ginásio quando começou em 1973, 74, não lembro mais ao certo. Havia três tambores somente, mas eu organizei o dia 7 de setembro. Este foi o primeiro ano que eu fiz as turmas, os pelotões com três tambores.

A Educação Física brasileira também esteve influenciada pela área psicomotora, principalmente no ensino primário. Foi considerada uma “ajudante” das dificuldades de aprendizagem dos alunos, principalmente da matemática e da língua portuguesa. Esta proposta foi criticada por alguns autores como Bracht (1999, p. 79) se manifestou assim:

[...] porque não confere à Educação Física uma especificidade, ficando seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não

sendo as formas culturais do movimentar-se humano, considerado um saber a ser transmitido pela escola.

A partir da década de 80 os debates foram sendo ampliados e iniciou-se um movimento preocupado com a função social da Educação Física escolar.

Neste momento é justificada enquanto a disciplina que promove a *socialização* dos/as aluno/as através de brincadeiras e atividades realizadas em pequenos e grandes grupos. Para a Ex-aluna Jasmim em sua fala foi mencionado que: “A gente brincava de passar o anel, pular corda, cantiga de roda, de rimas, versos, era uma aula de Educação Física bem diferente do que eu tive de 5^a à 8^a”.

O comentário da entrevistada Jasmim diferencia a Educação Física das crianças do primário para os adolescentes do ginásio que estariam envolvidos com a parte técnica esportiva.

Fazendo relações com as memórias encontrados na pesquisa percebemos que a inserção da Educação Física escolar da Escola Agar nas competições esportivas a partir dos anos 70 tendo continuidade na década posterior.

Foi na década de 80 que a Escola Agar começou a marcar presença nos Jogos Escolares de Otacílio Costa. Isto foi considerado relevante. Embora, à função do professor de Educação Física neste momento tenha sido entendida como “técnico esportivo” com a responsabilidade de treinar os “alunos-atletas” para vencer nas competições.

Foi na década de 80 que os aspectos sócio-históricos começaram a permear as discussões dos teóricos considerando além dos aspectos mencionados, as questões culturais, afetivas e políticas. Assim a Educação Física para Oliveira (1994, p. 26). “[...] tornou-se, efetivamente, um espaço multidisciplinar em busca de sua compreensão como prática social”.

Os discursos de cunho cultural, filosóficos e pedagógicos iniciados na década anterior foram intensificados na década de 90. As abordagens críticas da Educação Física redimensionaram o esporte e abriram espaço para a cultura corporal de movimento presente na diversidade brasileira.

Neste sentido, os professores, as professoras começam a adotar metodologias mais críticas e reflexivas aliadas a posturas menos excludentes e mais inclusivas nas aulas de Educação Física.

Uma das concepções emergentes da Educação Física denominada por Kunz (2001, p.16) de crítico-emancipatória enfatiza que: “a Educação Física contribua para o desenvolvimento de determinadas competências que não se resumem na competência objetiva do “saber-fazer”, mas incluem a competência social, lingüística e criativa, sempre de forma crítica.” Por conseguinte, necessita projetar-se a uma consciência corporal mais reflexiva, crítica, autônoma, enfim emancipada e esclarecedora.

As memórias neste processo nos permitiram abrir os baús dos tempos, e garimpar os conhecimentos que lá ficaram guardados, esquecidos e aflorar os possíveis significados desse passado para pensar o presente e redesenhar outros futuros, sem esquecer a história real vivida guardada em outros palcos.

Assim, quando dizemos que “*o tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos*” significa apontarmos para a valorização das memórias e não para o seu julgamento. Neste processo foi preciso ser sensível, ter ética profissional para reconhecer os “jeitos” de ser e fazer Educação Física nesta escola.

Entretanto, a sensibilidade a qual nos referimos não é fragilidade ou sentimento de compaixão e afeto desmedido. Consideramos a sensibilidade como a capacidade de ler e interpretar a linguagem corporal que compõe a cultura de movimento humano na Educação Física sem desprezar as diversas possibilidades de se fazer esporte, ginástica, dança, recreação na escola.

Isto ainda significa dizer que poderíamos pensar na possibilidade de existir *outros olhos* em nosso corpo com capacidade de ver e sentir as coisas, não de forma ingênua ou idealista, mas comprometidos com a transformação da humanidade como encontramos em Freire (2007b, p.17-8) ao dizer que:

Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é uma possibilidade, mas não é uma virtude.

Diante destas considerações afirmamos que a pesquisa nos proporcionou ter “*outros olhos*” para a Educação Física. Não somente para o passado, mas na compreensão do momento presente e nas possibilidades de visualizar outro futuro. Temos o entendimento de que as lembranças não se esgotaram com esta pesquisa, pelo contrário, elas continuam existindo. Ficam adormecidas, mas de repente surgem vivas e rememoradas com sentimentos variados.

A pesquisa não teve a intenção de julgar a Educação Física na Escola Agar, mas conhecê-la culturalmente. Também não objetivamos apresentar constatações, mas tornar possível a continuidade do caminhar, em estudos posteriores buscando relações e diálogos com outras áreas de conhecimento. Isto abre espaço para discussões e reflexões para a possibilidade de experimentar aquilo que Josso (2004) apresentou como “*caminhar para si*” em busca da transformação pessoal e social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. *Antologia poética*. 48ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- APPLE, M. W. *Conhecimento oficial: a educação democrática numa era conservadora*. Tradução Maria Isabel Edelweiss Burje. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.
- BRACHT, V. Educação Física: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, E. S. & VAGO, T. M. (Orgs.). *Trilhas e partilhas na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997.
- _____. *Motricidade humana ciência ou campo de intervenção?* Disponível em <http://www.confef.org.br/arquivos/i_congresso_internacional_de_epistemologia_da_educacao_fisica.pdf> Acesso em: 18 ago 2008.
- BARBIER, R. A escuta sensível em educação. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Paulo. EdUFCar, 1998.
- In: AMARAL, D. M. *Era uma vez uma casa de abrigo: os significados e as marcas da instituição na vida das crianças*. Dissertação de Mestrado, UFPel, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: educação física. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia da Educação Física*. São Paulo: editora Cortez, 1992.
- CHAUÍ, M. *Um convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.
- CÍCERO, A. Guardar. Disponível em <<http://docilidade.wordpress.com/2008/09/04/026-antonio-cicero-guardar>>. Acesso em: 28 jan. 2009.
- CRUZ, M. T. Entrevista gravada em 14 de maio na Escola Agar, Otacílio Costa – SC, 2008.
- _____. *Carteira estudantil*. Lages-SC, 1974, 2fot. (5 cm x 7 cm), preto e branco.
- DIAS, C. M. S. e ENGERS, M. E. A. *Tempos e memórias de professoras – alfabetizadoras*. Educação Porto Alegre–RS, ano XXVIII, n. 3 (57), p. 505 – 523, Set./Dez. 2005.
- FARIAS, A. C. (Org.). MATERIAL ESCOLAR: *Um Reencontro com a História*. Professora do Município de Otacílio Costa/SC, 2004.

FALCÃO, A. Outros olhos. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/vejarj/021002/cronica.html>>. Acesso em: 15 de fev 2008.

FAZENDA, I. C. A. (Org.) *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995.

FELIX, R. C. B. Entrevista em 04 de junho na Escola Agar. Otacílio Costa – SC, 2008.

FERNANDES, R. S. *Entre nós o sol: relação entre infância, cultura e educação não-formal*. Campinas, SP: Mercado de Letras-Fapesp, 2001.

FREIRE, P. *Educação e mudança*. 30ª ed. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007a. (Coleção Educação e Comunicação V. 1).

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007b. (Coleção Leitura).

FRUTUOSO, H. B. *Entrevista*. Gravada em 02 de julho na Escola Agar, Otacílio Costa – SC, 2008.

_____. *Primeira Escola Agar*. Otacílio Costa-SC, 2004, 1fot. (10 cm x 15 cm). Preto e branco. Otacílio Costa – SC, 2008.

_____. *Em pé da esquerda para*. 1fot. (10 cm x 15 cm) preto e branco. Otacílio Costa-SC, 1970.

_____. *Piquenique da Educação Física*. 1 fot.(10cm x 15cm) preto e branco. Otacílio Costa-SC, 1970.

_____. *Desfile cívico*. Otacílio Costa-SC, 1970. 2fot. (5 cm x 7cm) branco e preto.

_____. *Time de futebol*. Otacílio Costa-SC, 1970. 1fot. (10 cm x 12 cm), branco e preto.

GALEANO, E. *Utopia e realidade*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/056/56andrioli.htm>. Acesso em: 26/06/2007.

_____. *O Livro dos Abraços*. Tradução de Eric Nepomuceno. L& PM, Porto Alegre, 2006.

GARILLO, J. A. - CEFET-MG. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/24/T1263645288184.DOC. Acesso 01 maio 2008.

- GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MYNAIO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 23ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. Nova York e reedição em São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- JOSSO, M-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- KESSEL, Z. *Memória e Memória Coletiva*. Disponível em: http://www.museudapessoa.net/oquee/biblioteca/zilda_kessel_memoria_e_memoria_coletiva.pdf. Acesso em maio de 2008.
- KENSKI, V. M. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- KUNZ, E. (Org.) *Didática da Educação Física 2ª*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- _____. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1998.
- LEIVAS, L. A. *O invisível de cada um de nós*. Pelotas: Editora Universitária-UFPEL, 1999.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARIN, E. C. Et alli. Disponível em <www.cbce.org.br/cd/resumos/174.pdf> Acesso 01 maio 2008.
- MARQUES, M. O. *Escrever é preciso: princípio da pesquisa*. 4ª ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.
- _____. Disponível em <<http://www.artnet.com.br/pmotta/metod1-1.rtf>> Acesso em: 20 jul 2008.
- MEKSENAS, P. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>. Acesso em: 14 abril 2008.
- MOURA, M. In: *Educação Física no Brasil: Uma história Política* - Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3097/5/educacao-fisica-no-brasil-uma-historia-politica/pagina5.html>> Acesso 11 maio 2008.
- NEGRINE, A. Instrumento de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: NETO, V. M. & TRIVIÑOS, A. N. S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

NETO, O. C. O trabalho de campo como descoberta e criação. IN: MINAYO, M. C. S. (Org.). et alli. *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro-RJ: Editora Vozes, 1994.

PARO, V. H. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo: Ática, 2000.

PEREZ GOMES, A, BARQUIN RUIZ, J. ÂNGULO RASCO, F. *Desarrollo profesional Del docente: política, investigación y practica*. Madrid, Akal, 1999.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. *Diretrizes 3: Organização da Prática Escolar na Educação Básica: Conceitos Científicos Essenciais, Competências e Habilidades*. Florianópolis: Diretoria de Ensino Fundamental - Diretoria de Ensino Médio, 2001.

SANTOS, B. S. Para uma pedagogia do conflito. In SILVA, L. H., AZEVEDO, J. C & SANTOS, E. S (org.). *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SAYÃO, D. T. e VAZ, A. F. (et alli). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino da educação física*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SARAMAGO, J. IN FONTANA, R. A. *Canção*. Como nos tornamos professoras? 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, I. G. *Democracia e participação na 'reforma' do estado: processos e contradições*. São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, M. R. P. In: *Histórias de Vida...* Um reencontro com a nossa humanidade? Educação & Linguagem - Ano 8 - nº 11 – p. 253-268, jan. - jun. de 2005.

SOUZA, C. P. *Percursos de formação nas memórias de docentes universitários: análise comparada...* Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: Relatório Final de Pesquisa, 2001.

SUTIL, C. *À sombra do pinheiro*. 1fot (10 cm 12 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Fotografia da formatura da 8ª série*. Lages, 1992. 1fot. (10 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Na quadra da escola*. Lages, 1992. 1fot. (10 cm x 15,5 cm), color.

_____. *Apresentação no Festival Municipal de Dança*. Lages, 1992. 1fot. (10 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Lançamento de fragmentos*. Lages, 1995. 1fot. (10 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Turma da Faculdade de Educação Física*. Lages, 2000. 1fot. (10 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Turma da 8ª série*. Otacílio Costa-SC, 2008, 1fot (12 cm x 10 cm), color.

_____. *Apresentação da Peça: "O Circo"*. Lages, 2001. 1fot. (10 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Foto atual da escola*. 1fot (12 cm x 15,5 cm), color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Após a entrevista*. 1 fot. (12 cm x 15 cm). color. Otacílio Costa-SC, 2008.

_____. *Campo para corrida*. 1fot (10 cm x 12 cm), color. Otacílio Costa-SC. 2008.

_____. *Contando histórias*. 1 fot. (10 cm x 12 cm), color. Otacílio Costa-SC. 2008.

_____. *Confraternização organizada pela turma da 8ª série*. 2008. 1fot. (12 cm x 15 cm), color. Otacílio Costa-SC.

_____. *Momento de muita emoção*. 1fot (9 cm x 12 cm), color. Otacílio Costa-SC. Otacílio Costa-SC, 2008.

TUBINO, M. G.et alli. *Educação Física no Brasil*.

Disponível em: <<http://www.tubino.pro.br/EF%20no%20Brasil.pdf>> acesso 11 maio 2008. WITTIZORECKI, E. S.

WITTIZORECKI, E. S. (et al). *Pesquisar exige interrogar-se: a narrativa como estratégia de pesquisa e de formação do/a pesquisador/a*. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2904/15>> Acesso em: 27 jan 2009.

ZAMBONATO, S. T. D. *Entrevista gravada em 30 de abril na Escola Agar*. Otacílio Costa-SC, 2008.

ANEXO I

ROTEIRO ENTREVISTAS DAS EX-PROFESSORAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Dados de Identificação

- 1 - Qual é o seu nome completo?
- 2 - Qual é sua data de nascimento? (dia, mês e ano).
- 3 - Qual é a sua naturalidade? (cidade onde nasceu)

Informações culturais sobre o município de Otacílio Costa

- 1 - Há quanto tempo é morador (a) de Otacílio Costa?
- 2 - Como era conhecida ou chamada esta localidade antes de se tornar município? Por quê?
- 3 - Por que o município tem o nome de Otacílio Costa?
- 4 - Lembra-se de como eram as casas, o comércio local, as escolas?

Informações culturais sobre a Escola Agar

- 1 - Sabes por que a escola tem o nome de Agar Alves Nunes?
- 2 - Em época foi professora do Agar? A escola sempre foi neste endereço?
- 3 - Que lembranças ou marcas têm da época em que foi professora do Agar? Tem algum fato interessante para nos contar?

Escolaridade e Carreira Profissional

- 1 - Por que escolheu a profissão de professora? Alguém te incentivou?
- 2 - Onde estudou para se formar professora? Como se chamava o curso que formava professoras?
- 3 - Fez algum curso específico para ser professora de Educação Física? Onde, qual período mais ou menos?
- 4 - Atualmente é professora em outra escola?
- 5 - Onde iniciou sua carreira profissional? Como era a escola na época (do que era feita, as cores, sua localização, as carteiras, o recreio dos alunos, a merenda, o uniforme)
- 6 - Gostava de ser professora no Agar? Por quê?
- 7 - Por quanto tempo foi professora de Educação Física no Agar?
- 8 - Que ensinamentos e aprendizados enquanto professora pretendia proporcionar aos alunos/as nas aulas de Educação Física?

Lembranças da Educação Física

- 1 - Temos curiosidade de saber como era a Educação Física na época em foi professora do Agar. Fale sobre isso.
- 2 - Havia separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física? Existia uniforme e materiais para as aulas de Educação Física?

3 - Onde eram realizadas as aulas? Que atividades eram realizadas? Os/as alunos/as participavam de jogos?

4 - Como os alunos eram avaliados na Educação Física na época em que foi professora?

5 - Como era o comportamento e a participação dos alunos nas aulas de Educação Física? O que acontecia se algum aluno se recusasse a fazer a aula o que acontecia? Havia castigos?

6 - Têm conhecimento de algum aluno ou aluna ter seguido a profissão de professor (a) de Educação Física ou professor (a) de outra área?

7 - Têm algum material guardado que recorda a época em que foi professora do Agar? O que, por exemplo? Poderia nos emprestar este material?

Mudanças percebidas no Ensino e na Educação Física

1 - Como era o ensino na época em foi professora? É possível perceber mudanças na escola da época em que foi professora para os dias atuais?

2 - Que tipos de referência às pessoas faziam à escola nesta época? São as mesmas de hoje ou você percebe mudanças?

3 - Analisando a Educação Física da época de professora para os dias atuais o que percebe? Existe diferença?

4 - Que conhecimentos ou conteúdos a Educação Física deve trabalhar atualmente na escola?

5 - Como os alunos devem ser avaliados atualmente na Educação Física? Por quê?

Significado/Importância da Educação Física

1 - O que significa Educação Física? Qual é a importância na vida dos/as alunos/as?

2 - Para encerrar nossas atividades, responda-nos por que o dia de hoje foi importante em sua vida?

ANEXO II

ROTEIRO PARA EX-ALUNOS DA ESCOLA AGAR QUE SE TORNARAM PROFESSORES NA ESCOLA

Dados de Identificação

- 1 - Qual é o seu nome completo?
- 2 - Qual é sua data de nascimento? (dia, mês e ano).
- 3 - Qual é a sua naturalidade? (cidade onde nasceu)
- 4 - Quem é Você?
- 5 - O que mais te deixa feliz e o que mais te deixa triste?

Escolaridade

- 1 - Onde fez estudos de 1ª à 8ª série? Em que época mais ou menos?
- 2 - Conte-nos como era a escola nesta época:
- 3 - Que tipo de referência as pessoas faziam à escola nesta época? São as mesmas de hoje ou você percebe mudanças?
- 4 - Gostava de estudar nesta escola? Por quê?
- 5 - Sobre seus estudos do 2º Grau. Onde estudou? Qual foi o curso? Este curso foi profissionalizante?
- 6 - Por que escolheu a profissão de professor (a)? Teve incentivo de alguém?
- 7 - Que estudos precisou fazer para se formar professor (a)? Onde estudou?
- 8 - Depois da faculdade fez mais algum curso? Qual?
- 9 - Pretende continuar estudando? Tem idéia de fazer mais algum curso? Por quê?

Carreira Profissional

- 1 - Onde iniciou sua carreira profissional? Há quanto tempo é professora?
- 2 - Onde trabalha atualmente e com quais turmas?
- 3 - Há quanto tempo trabalha no Agar? Como você se sente trabalhando na escola em que também estudou?

Lembranças/Marcas dos Tempos Escolares

- 1 - Que lembranças ou marcas têm da época em que foi estudante?
- 2 - Lembra-se dos professores ou professoras que teve? Por que não os esqueceu?
- 3 - Têm algum fato interessante para nos contar que talvez tenha marcado sua vida escolar?
- 4 - Possui algum material guardado que era da sua época de estudante, como por exemplo, cadernos, livros, cartilhas, provas, trabalhos escolares, medalhas, troféus, fotos, boletins ou cadernetas. Poderia nos emprestar este material?
- 5 - Que lembranças têm de seus colegas da escola? Sabe se algum deles se formou professor ou professora?

Memórias da Educação Física

- 1 - O que mais gostava de fazer nas aulas de Educação Física quando era estudante?
- 2 - Que lembranças têm das aulas de Educação Física do primário e no ginásio?
- 3 - Fale como era o comportamento e a participação dos alunos nas aulas de Educação Física? O que acontecia se algum aluno (a) se recusasse a fazer a aula o que acontecia?
- 4 - Temos curiosidade de saber como era a Educação Física na sua época de estudante. Conte-nos sobre a Educação Física:

Mudanças percebidas na Educação Física

- 1 - Se fizer uma análise da Educação Física de sua época de estudante para os dias atuais o que percebe? Existe diferença?
- 2 - Que ensinamentos e aprendizados a Educação Física te proporcionou?
- 3 - Quais eram as avaliações feitas pelos professores na Educação Física na época em que era estudante?
- 4 - Em sua opinião como os alunos devem ser avaliados na Educação Física? Por quê?

Importância da Educação Física

- 1 - Por que a Educação Física é importante na vida dos estudantes?
- 2 - Que conhecimentos ou conteúdos a Educação Física deve trabalhar na escola?
- 3 - Pratica alguma atividade física regularmente? (qual, onde, quantas vezes por semana?)
- 4 - Que conhecimentos ou conteúdos a Educação Física deve trabalhar na escola?
- 5 - Para encerrar nossas atividades, responda-nos por que o dia de hoje foi importante em sua vida?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)